

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS - FLET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

AILA RODRIGUES PANTOJA

AMAZÔNIA DE CHICO MENDES – ANÁLISE COMPARATIVA DA TRILOGIA
NARRATIVA: *O Empate contra Chico Mendes (Ensaio), Amazônia em Chamas (Filme) e*
Amazônia, de Galvez a Chico Mendes (Minissérie)

MANAUS
2019

AILA RODRIGUES PANTOJA

**A AMAZÔNIA DE CHICO MENDES – ANÁLISE COMPARATIVA DA TRILOGIA
NARRATIVA: *O Empate contra Chico Mendes (Ensaio), Amazônia em Chamas (Filme) e
Amazônia, de Galvez a Chico Mendes (Minissérie)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha

**MANAUS
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, de acordo com os dados fornecidos pela autora.

P198a Pantoja, Aila Rodrigues
A Amazônia de Chico Mendes – Análise comparativa da trilogia narrativa: O Empate contra Chico Mendes (Ensaio), Amazônia em Chamas e Amazônia – De Galvez a Chico Mendes (Minissérie) / Aila Rodrigues Pantoja. 2019
102 f.: il. color; 31cm.

Orientador: Carlos Antônio Magalhães Guedelha
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas.

1. Amazônia. 2. Chico Mendes. 3. Ficção. 4. Teledramaturgia. 5. Cinema. I. Guedelha, Carlos Antônio Magalhães II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

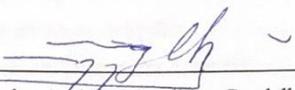
AILA RODRIGUES PANTOJA

“AMAZÔNIA DE CHICO MENDES – ANÁLISE COMPARATIVA DA TRILOGIA
NARRATIVA: O *Empate Contra Chico Mendes* (Ensaio), *Amazônia Em Chamas* (Filme) e
Amazônia, de Galvez a Chico Mendes (Minissérie)”

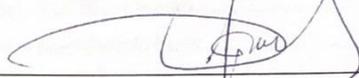
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do
Amazonas como requisito para obtenção do título de
Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Aprovada em 30 de agosto de 2019

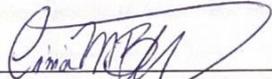
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha – **Orientador**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Dra. Francisca de Lourdes Souza Louro – **Membro**
Universidade do Estado do Amazonas - UEA



Profa. Dra. Cássia Maria Bezerra do Nascimento – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Dr. Gabriel Arcanjo Santos Albuquerque – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

DEDICATÓRIA

À Tereza, minha mãe, que preserva a capacidade de ver o mundo pela lente da alegria e do otimismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo apoio e amparo nas horas difíceis. Obrigada por ser meu guia e minha força em todos os momentos.

À minha mãe, meu infinito agradecimento. Sempre acreditou em minha capacidade e me achou A MELHOR, mesmo não sendo. Obrigada por seu amor incondicional.

Ao meu pai (*in memoriam*), que nunca deixou de amar-me e de confiar em mim.

Ao meu esposo, Jefferson Gil, por todo apoio, carinho e incentivo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, por todo o conhecimento compartilhado.

Às Professoras Doutoras Cássia Nascimento e Francisca de Lourdes Louro, pela atenção, pela generosidade e pelos apontamentos valiosos durante o processo de construção desta pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM –, que proporcionou a segurança financeira necessária para o desenvolvimento desta pesquisa.

E, finalmente, ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Antônio Magalhães Guedelha, sem o qual esta pesquisa não seria possível. Obrigada por todo o conhecimento repassado, por sua humildade, carinho e compreensão. Sou grata por chegar até aqui com sua orientação, dedicação e apoio.

*Faz escuro, mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
vem o sol, quero alegria,
que é para esquecer o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
trabalhar pela alegria,
amanhã é um novo dia.
Thiago de Mello*

RESUMO

A presente Dissertação é resultado da pesquisa que teve como objetivo analisar a representação ficcional de Chico Mendes e sua vinculação à Amazônia. Os objetos de estudo são as obras: *O Empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza (1990), *Amazônia em Chamas* (1994), de John Frankenheimer, e *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007), de Glória Perez. A trajetória de Chico Mendes confunde-se com a história da Amazônia. Sendo assim, para representar a trajetória do líder dos povos da floresta, é essencial que retratemos o percurso dos seringueiros na Amazônia, que, tangidos pela seca de 1877, que assolou a Região Nordeste, principalmente o Estado do Ceará, vieram para a Amazônia em busca de melhores condições de vida, porém, ao adentrarem a região, tiveram a sua força de trabalho explorada em um sistema de semiescravidão, muito comum nos seringais amazônicos. Foi em meio a essas questões de injustiça social e de violações de direitos fundamentais que, na década de 80, emergiu um líder na Amazônia, Chico Mendes, que deu voz aos menos favorecidos e negligenciados pelo poder público e, por sua luta em busca de justiça social, foi tragicamente assassinado no ano de 1988. Neste estudo, buscamos compreender como a literatura, o cinema e a teledramaturgia representam a história de Chico Mendes na Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; Chico Mendes; Ficção; Teledramaturgia; Cinema.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research that aimed to analyze the fictional representation of Chico Mendes and its link to the Amazon. The objects of study are the works: *The Draw Against Chico Mendes*, by Márcio Souza (1990), *Amazon in Flames* (1994), by John Frankenheimer and *Amazonia, by Galvez to Chico Mendes* (2007), by Glória Perez. The trajectory of Chico Mendes is mixed with the history of the Amazon, so, to represent the trajectory of the leader of the forest peoples, it is essential that we portray the path of the rubber tappers in the Amazon that, affected by the 1877 drought, which devastated Northeast region, especially the State of Ceará, came to the Amazon in search of better living conditions, but as they entered the region, they had their labor force exploited in a semi-slavery system very common in the Amazonian rubber plantations. It is in the midst of these questions of social injustice and violations of fundamental rights that, in the 1980s, emerged a leader in the Amazon, Chico Mendes, who gave voice to the least favored and neglected by the Government and their struggle for social justice. was tragically murdered in 1988. In this study, we sought to understand how literature, cinema and television drama represent the history of Chico Mendes in the Amazon.

Keywords: Amazon; Chico Mendes; Fiction; Television drama; Movie theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem extraída da minissérie Amazônia, de Galvez a Chico Mendes	23
Figura 2: Cadeia de Aviamento do Século XIX.	29
Figura 3: Regatão, o mascote da Amazônia – fim da década de 1960 – de Carlos Henrique BrekFonte: http://historiamultimidiadexapuri.blogspot.com	31
Figura 4: Em sequência cartazes utilizados como propaganda pelo Governo Federal	32
Figura 5: Luiz de Galvez, espanhol que proclamou a Independência do Acre	39
Figura 6: Plácido de Castro	41
Figura 7: Bastião, interpretado pelo ator Jackson Antunes	53
Figura 8: À esquerda coronel Firmino, vivido pelo ator José de Abreu; à direita coronel Augusto interpretado por Humberto Martins	54
Figura 9: Júlia, vivida pela atriz Malu Valle	56
Figura 10: Anália, interpretada pela atriz Letícia Spiller	57
Figura 11: Tiburtino, representado pelo ator Ernani Moraes	57
Figura 12: Delzuíte, interpretada pela atriz Giovanna Antonelli.....	58
Figura 13: Toinho, interpretado pelo ator André Arteché	59
Figura 14: Cesarino, interpretado pelo ator Beto Quirino	60
Figura 15: Lina, interpretada pela atriz Fernanda Paes Leme	61
Figura 16: Romildo, interpretado pelo ator Marcelo Faria.....	61
Figura 17: Ritinha, vivida pela atriz Brendha Haddad	62
Figura 18: Personagem histórica Wilson de Souza Pinheiro (à esquerda), representado pelo ator Leonardo Medeiros (à direita).	71
Figura 19: Mary Alegretti (2013, à esquerda), interpretada pela atriz Silvia Buarque (à direita).....	71
Figura 20: Personagem ficcional – seringueiro Bento (três fases representativas).	72
Figura 21: Enterro de Chico de Mendes no plano histórico (à esquerda); plano ficcional (à direita).....	78
Figura 22: Representação de um empate. Imagem extraída do filme Amazônia em Chamas .	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A TRAJETÓRIA DOS SERINGUEIROS NA AMAZÔNIA	18
1.1 O Ciclo da Borracha	18
1.2 Os seringueiros na Amazônia	19
1.3 Principais tipos humanos pertencentes ao Ciclo da Borracha	24
1.3.1 Seringueiro	24
1.3.2 Coronel de Barranco	25
1.3.3 Aviador	28
1.3.4 Regatão	29
1.4 A batalha da borracha	31
1.5 A presença de mulheres nos seringais amazônicos	34
1.6 Acre, um Estado que lutou para ser brasileiro	37
2 AMAZÔNIA, DE GALVEZ A CHICO MENDES – FICÇÃO E REALIDADE NA NARRATIVA TELEVISUAL	43
2.1 A telenovela e a minissérie brasileiras	44
2.2 A minissérie <i>Amazônia, de Galvez a Chico Mendes</i>	45
2.3 Livros que deram origem a minissérie <i>Amazônia, de Galvez a Chico Mendes</i>	48
2.4. Algumas personagens ficcionais, criadas a partir das obras <i>Terra Caída</i> e <i>Seringal</i> , retratadas em <i>Amazônia, de Galvez a Chico Mendes</i>	51
3 CHICO MENDES: A CONSTRUÇÃO FICCIONAL DE UMA FIGURA HISTÓRICA	64
3.1 Chico Mendes histórico	64
3.2 Chico Mendes: cronologia de uma luta	66
3.3 A luta em defesa da floresta	68
3.4 Chico Mendes ficcional: a narrativa televisiva	68
3.5 Relações entre Literatura e História	73
3.6 Contraposição entre fatos históricos e ficcionais na minissérie <i>Amazônia, de Galvez a Chico Mendes</i> (2007)	75
3.7 Contraposição entre fatos históricos e ficcionais na narrativa fílmica de <i>Amazônia em Chamas</i>	79

4 AMAZÔNIA EM CHAMAS – A HISTÓRIA NA FICÇÃO.....	83
4.1 O filme <i>Amazônia em Chamas</i>	83
4.1 Um professor revolucionário.....	84
4.2 O empate contra os fazendeiros	85
4.3 A morte prenunciada de Wilson Pinheiro.....	87
4.4 Os Alves.....	88
4.5 O ensaio literário	89
4.5.1 O Empate contra Chico Mendes.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	98

INTRODUÇÃO

A Amazônia no imaginário coletivo possui uma face forjada no tempo da colonização que perdurou do séc. XVI, com o navegador espanhol Francisco de Orellana, até meados do séc. XVIII, com as consolidações da reforma de Marquês de Pombal, passando pelos ensinamentos dos jesuítas. Nesse imaginário, a relação homem e natureza é estudada com a intenção de entender a identidade, a permanência da cultura e do conhecimento tradicional do homem amazônico. Inúmeros conhecimentos sobre a região surgem ainda hoje. Dessa forma, trazemos aqui um estudo sobre um momento histórico como divisor de águas nos aprendizados sobre a força de um homem simples, trabalhador, pai; homem que soube valorizar os recursos da floresta, trazendo uma nova mentalidade sobre o uso dos recursos naturais sem agredir o meio ambiente, o qual, por sua forma de atuação e estratégia adotada para impedir a derrubada de árvores, ganhou a notoriedade mundial. Por meios poucos convencionais a figura de Chico Mendes se notabilizou, ganhou destaque. Sua luta pelo entendimento da floresta e pela cultura é objeto de grande curiosidade intelectual. Nesse contexto, deixou marcas indeléveis no lugar e nos habitantes da Região Norte. Francisco Alves Mendes da Silva, mundialmente conhecido como *Chico Mendes*, nasceu em 15 de dezembro de 1944, na cidade acreana de Xapuri. Exerceu a profissão de seringueiro, um ofício que aprendera ainda na infância com o pai, que era migrante cearense. Destacou-se como sindicalista e ativista político engajado com questões ligadas à preservação ambiental da Amazônia. Por sua luta em defesa dos seringueiros, ganhou reconhecimento internacional, mas também despertou a ira de poderosos e de grandes fazendeiros que exploravam as terras que ele queria ver preservadas.

Como não havia escolas nos seringais, Chico Mendes foi analfabeto até por volta dos 18 anos. Aprendeu a ler com o militante comunista Euclides Távora, que, fixando residência em Xapuri, impressionou-se com a inteligência do jovem e decidiu instruí-lo, inclusive orientando-o posteriormente na função de secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, município do Acre. Como sindicalista, encampou acirradas lutas na década de 1970 contra o desmatamento da região, de forma pacífica, por meio dos “empates”, que consistiam na ação dos seringueiros em impedir o desmatamento, protegendo as árvores dos tratores e das motosserras com seus próprios corpos, “abraçando-as” coletivamente.

Enfrentando corajosamente os fazendeiros, defendia a posse das terras pelos habitantes nativos. Ajudou a fundar, no ano de 1977, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Na militância política, foi eleito vereador pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). E

em 1980 participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, tornando-se um dos mais proeminentes representantes desse partido no Acre. No ano seguinte, assumiu o comando do Sindicato de Xapuri, que presidiu até o dia do seu assassinato.

Antes de ser assassinado, ele recebeu várias ameaças de morte por parte dos fazendeiros, que se sentiam prejudicados em seus negócios pela atuação do ambientalista, cujas campanhas preservacionistas já eram conhecidas nacional e internacionalmente. Por conta desses acirramentos, foi enquadrado pela “Lei de Segurança Nacional”, acusado de subversivo, tendo sido preso e torturado na prisão. Por consequência de sua luta foram implantadas algumas reservas extrativistas do Estado do Acre. Participou de seminários, palestras e congressos onde denunciou as intimidações que os seringueiros estavam sofrendo. Após a desapropriação do Seringal Cachoeira, de Darly Alves da Silva, agravaram-se as ameaças de morte contra Chico Mendes, que, por várias vezes, foi a público denunciar seus intimidadores. Ele deixou claro às autoridades policiais e governamentais que estava correndo risco de morte e que precisava de proteção, mas seus alertas foram minimizados pela imprensa.

Chico Mendes foi assassinado nas proximidades do natal de 1988, mais precisamente no dia 22 de dezembro, aos 44 anos, quando saía de sua casa, pela porta dos fundos, para tomar banho. Foi atingido no peito por tiros de escopeta e caiu morto ali mesmo. Os acusados pelo assassinato foram os fazendeiros Darly Alves e seu filho Darci Alves. Segundo Freire (2006), a morte do ambientalista despertou o interesse mundial pela causa dos seringueiros. Devido, em parte, à cobertura do assassinato pela mídia internacional, a Reserva Extrativista Chico Mendes foi criada na área onde ele morava.

A história de Chico Mendes e sua luta foram retratadas em diversos jornais do País e, no plano artístico, dentre outros, por Márcio Souza (1990), no ensaio *O empate contra Chico Mendes*; por John Frankenheimer (1994), no filme *Amazônia em chamas*; e por Glória Perez (2007), na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*. A proposta desta pesquisa foi realizar uma leitura comparativa dessas três obras artísticas, no que tange à representação ficcional de Chico Mendes.

Definido o tema do estudo, elaboramos o problema de pesquisa nos termos que seguem: de que forma essas obras representaram ficcionalmente a história de Chico Mendes, vinculando-a à Amazônia? Que análise comparativa pode ser estabelecida entre a literatura, o cinema e a teledramaturgia nessa representação? A pesquisa buscou respostas para as questões ora levantadas.

A proposta desta dissertação pode ser justificada a partir de, basicamente, quatro perspectivas: primeiramente, por ser inédita. Não há nenhuma pesquisa em nível científico que tenha realizado uma leitura comparativa das três obras; em segundo lugar, pela importância do tema, já que a história de Chico Mendes representa um tópico imprescindível da história da Amazônia. Conhecer-la aprofundadamente e refletir sobre ela é um caminho para se entender melhor o presente da região; em terceiro lugar, pela oportunidade que tivemos de aprofundar nossos conhecimentos sobre a história do Acre e da Amazônia, em geral, e articulá-la com as interartes; por fim, pela contribuição que a pesquisa poderá fornecer para os estudos literários, somando-se aos trabalhos já existentes e ampliando o olhar de estudantes e de pesquisadores sobre a questão.

Com referência a essa problematização, os objetivos foram assim alinhados: Objetivo geral: analisar a representação ficcional da história de Chico Mendes e sua vinculação à Amazônia. Quanto aos objetivos específicos: contextualizar o momento histórico da chegada dos seringueiros à Amazônia e a luta de Chico Mendes em defesa da causa destes; discorrer sobre a perspectiva histórico-ficcional de Chico Mendes no ensaio *O empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza (1990); estudar comparativamente o filme *Amazônia em chamas* e a minissérie televisiva *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*.

O quadro teórico que sustentou a pesquisa foi baseado nos seguintes eixos temáticos e questões norteadoras: o primeiro eixo trata sobre os seringueiros na Amazônia, que chegaram à região por volta de 1892 – em sua maioria cearenses – fugindo da seca que assolava a Região Nordeste, entretanto as migrações não ocorreram somente por motivos de fuga, mas também porque foram atraídos pela possibilidade de fazer fortuna em um curto espaço de tempo na floresta de *heveas*. Em contrapartida, os donos de seringais faziam verdadeiro financiamento custeando as passagens dos trabalhadores, os quais não imaginavam que depois essas despesas seriam calculadas como dívidas, iniciando assim uma forma de exploração de mão de obra. Para aporte a esse eixo temos: *Amazônia – formação social e cultural* (2009), *Romanceiro da batalha da borracha* (1992), ambos de Samuel Benchimol.

O segundo eixo são as reflexões sobre o que é o texto de ficção e em que medida difere da verdade histórica. São reflexões sobre a natureza da ficção e sobre a escrita literária, com base nos livros *O que é ficção*, de Ivete Lara Camargos Walty; *A personagem*, de Beth Brait; *A personagem de ficção*, de Antonio Candido *et al*; e *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*, de Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira. Os livros citados contribuíram para o conceito de ficção, a relação entre a ficção e a realidade e as diferentes categorias ficcionais. Walty (1999, p. 15) defende a ideia de que, “se você ouve dizer que a

arte é ficção, que literatura é ficção, é no sentido de imitação aristotélica, no sentido da criação de uma suprarrealidade”. Assim, a ficção distingue-se do real, pois ela é uma criação da imaginação, da fantasia. E ela recria o real, dando existência a um mundo paralelo ao real. Nesse mundo ficcional, movimentam-se seres de linguagem que não são pessoas; são personagens. Contribuindo para o entendimento da constituição desses seres, Candido *et al.* (2011, p. 114) explicitam que “a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais, sem referência a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações” na literatura. E, no cinema, a representação das personagens adquire uma característica bem peculiar, no sentido de que em um filme as personagens são encarnadas em pessoas, pois “a personagem de ficção cinematográfica, por mais forte que sejam suas raízes na realidade ou em ficções preexistentes, só começa a viver quando encarnada numa pessoa, o ator. Chegando a esse ponto, está prestes a revelar-se a profunda ambiguidade na personagem cinematográfica”. Brait (2006) apresenta e comenta as várias perspectivas teóricas sobre as interfaces entre “pessoas” e “personagens”, partindo das considerações de Aristóteles e chegando até o século XX, numa análise crítica bastante ilustrativa. Já Santos e Oliveira (2001) dão ênfase a questões teóricas fundamentais do texto literário, abrangendo o próprio conceito de ficção, o estatuto da personagem ficcional, o tempo e o espaço.

O terceiro eixo trata da teledramaturgia e até que ponto se pode recriar a partir de vidas e pessoas reais sem comprometer a verdade histórica de fatos e personagens. Para fundamentar esse eixo temos os livros *Dramaturgia: a construção da personagem* (2015) e *Dramaturgia de televisão* (2012), de Renata Pallottini, de onde podemos compreender como é constituída a personagem da teledramaturgia. Para a autora, personagem é pessoa imaginária e, para sua construção, o autor seleciona traços peculiares, que de certa forma definem e delineiam esse ser ficcional, de modo que se torne adequado aos objetivos de seu criador.

A pesquisa foi de natureza bibliográfica, tendo sido realizada por meio de imersão em livros e outras mídias, que contribuíram para o aprofundamento teórico das questões que foram tratadas.

A organização da dissertação ficou da seguinte forma: o primeiro capítulo, intitulado *A trajetória dos seringueiros na Amazônia*, versa sobre a chegada dos seringueiros à Amazônia, sua luta e o entrelaçamento entre a história de Chico Mendes e a desses trabalhadores.

O segundo capítulo, denominado *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes – ficção e realidade na narrativa televisual*, versa sobre os romances que deram origem à minissérie bem como os fatos históricos e ficcionais que permearam a narrativa.

O terceiro capítulo, denominado *Chico Mendes: a construção literária de uma personagem histórica*, aborda a inter-relação que a história mantém com a literatura estabelecendo um elo com a realidade.

O quarto capítulo, designado *Amazônia em Chamas, a história na ficção*, traz uma análise entre as obras estudadas (*O Empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza, *Amazônia em Chamas*, de John Frankenheimer) e faz uma análise histórico-ficcional com vistas a estabelecer como seu deu a ficcionalização da trajetória de Chico Mendes.

Por fim, nas Considerações Finais, apresentamos alguns resultados do estudo, relacionando-os aos objetivos propostos e aos conteúdos da dissertação, bem como se apresentam as recomendações entendidas como cabíveis. Entendemos que nossa contribuição não acaba ao término deste estudo. Pelo contrário, uma nova batalha se inicia no campo da intelectualidade, na divulgação desses postulados, que podem indicar-nos mecanismos para conhecer ou mesmo para compreender a Amazônia.

1 A TRAJETÓRIA DOS SERINGUEIROS NA AMAZÔNIA

Este capítulo apresenta a trajetória dos seringueiros na Amazônia durante o ciclo econômico da borracha. Os seringueiros, em grande parte nordestinos, chegaram à Amazônia, principalmente nas terras que compreendem hoje o Estado do Acre, uma vez que era onde se localizava a maior parte dos seringais amazônicos. Este capítulo objetiva demonstrar a história desses homens que vieram fazer a Amazônia nas primeiras décadas do século XX para trabalhar na extração do látex, em seringais no Acre.

1.1 O Ciclo da Borracha

A borracha ganhou importância aos poucos como matéria-prima. Inicialmente era utilizada pelos índios omágua na fabricação de seringa, daí o nome da árvore. De acordo com Souza (1994), a árvore recebeu esse nome pelos portugueses, devido ao instrumento que os índios fabricavam, a partir da coagulação do leite proveniente das árvores. Inicialmente se desconhecia o seu valor comercial e a fonte de riqueza que ela poderia gerar nos anos vindouros do chamado *Ciclo Econômico da Borracha*, o qual teve início na Amazônia, em 1879, porém muito antes disso já se tinha notícias sobre a matéria-prima. De acordo com Souza (1994, p.127):

O próprio Cristóvão Colombo dá notícia de sua existência, em uma segunda viagem à América, observando os habitantes do Haiti utilizarem o látex na fabricação de bolas miraculosas. Os cientistas ficaram intrigados com essas bolas, que supostamente desafiavam a lei da gravidade da terra. Mas, em 1736, por uma deferência da Coroa Portuguesa, o sábio francês Charles Marie de La Condamine, visitando a América do Sul, remete um comunicado à Academia de Ciências de Paris, descrevendo rudimentarmente o processo de coleta e preparação de tais bolas e de outros objetos já correntemente usados pelos colonos portugueses, como bombas, seringas, garrafas e botas.

Antes de o ciclo econômico ganhar proporções, já havia um comércio em torno do látex, uma vez que os produtos já eram exportados desde 1800, de forma clandestina; e, de acordo com Souza (1994), é provável que esse comércio se remeta a outras épocas, pois não havia fiscalização nos portos, e as mercadorias circulavam com facilidade. Desse modo, quando o ciclo ganhou impulso, a borracha já não era um produto desconhecido em outros

países; muitos já consumiam os produtos provenientes do látex, tais como garrafas e sapatos, sendo o segundo muito bem aceito no mercado norte-americano, “e os jornais daquele país comumente publicavam reclames oferecendo partidas desse artigo” (SOUZA, 1994, p.128).

Segundo Souza (2009), “o Ciclo da Borracha foi um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil”. Teve o seu ápice entre 1879 e 1912, e os anos posteriores foram de decadência, tendo vivido um prolongamento nos anos compreendidos entre 1942 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, quando houve uma interrupção no fornecimento do látex para os Estados Unidos devido à tomada dos territórios produtores da borracha, na Ásia, pelo Japão.

A Amazônia perdeu sua supremacia sobre o látex quando o inglês Henry Wickham, em 1876, transportou cerca de 70.000 sementes da *hevea brasiliensis*, o que ocasionou sua posterior produção em regiões do continente asiático, tais como Malásia, Ceilão, Índia, dentre outras. Contudo a derrocada do sistema econômico da borracha não se deve somente a esse episódio, mas também à “falta de iniciativa, deixando de formar grandes plantações de seringueiras para neutralizar a tremenda competição que, cinquenta anos mais tarde, viria a arrasar a economia extrativa da Amazônia” (FERREIRA FILHO, 1961, p. 67).

1.2 Os seringueiros na Amazônia

Conforme Tocantins (2000, p. 1994) “historicamente o Ciclo da Borracha principiou em 1870, ao aumentar a sua procura no estrangeiro depois que, em 1842, Charles Nelson Goodyear, nos Estados Unidos, e Thomas Hancock, na Inglaterra, descobriram e aperfeiçoaram o processo de vulcanização”. Assim, a expansão da borracha fez que fosse necessária mão de obra que pudesse atender à demanda de produção do látex. E a mão de obra que veio a garantir essa atividade foi a dos retirantes nordestinos, que foram seduzidos pela ideia de riqueza que a economia gomífera representava. A chegada dos seringueiros à Amazônia foi fruto “do deslocamento da fronteira econômica pela supremacia da borracha” (BENCHIMOL, 1992, p. 18). Foi a partir de 1870 que começaram a chegar à Amazônia, movidos pelo desejo de fazer fortuna nos seringais amazônicos, pois o lugar representava, no imaginário nacional, um paraíso em vários sentidos, principalmente pela riqueza abundante da floresta, rios e minérios, reforçando um palco perfeito para tentar ganhar fortuna, por meio de muito esforço. Muitas pessoas adentraram a região em busca dessa ilusão. Em sua maioria eram nordestinos, que buscavam melhoria de vida e enriquecimento, instigados pelo eldorado

amazônico. Fugiam da seca e da miséria que assolavam a Região Nordeste e acreditavam que encontrariam na Amazônia o paraíso das riquezas imensuráveis, representado pela economia gomífera – riquezas essas que estavam concentradas nas mãos de poucos, os chamados *coronéis de barranco*, como eram denominados os donos de seringais.

De acordo com Benchimol (2009, p.155), “desde o início do Ciclo da Borracha até 1960, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram à Amazônia, representando assim o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira, superado apenas pela migração pau-de-arara para São Paulo”. Porém, ainda de acordo com autor, as migrações não ocorreram somente por motivos de fuga (no que diz respeito aos migrantes que foram para o Norte do País, tangidos pela seca de 1877, que assolou a Região Nordeste), tendo em vista que muitos desses nordestinos vieram para a Amazônia por vontade própria; outros pelo desejo de enriquecimento, uma idealização propagada para atraí-los. A concepção de poder fazer fortuna, de se constituir como dono de uma forma de vida melhor, de poder enviar dinheiro à família deixada no Nordeste representava a chama que alimentava a decisão desses homens.

Em 1877 a grande seca nordestina impeliu para a Amazônia o maior movimento migratório já ocorrido na Região Norte e um dos maiores do Brasil, mantendo a intensidade nos anos posteriores. Ao adentrarem a Região Amazônica, habitavam as áreas dos beiradões, das margens dos rios, dos seringais e dos territórios que facilitassem a coleta da borracha. Conforme Souza (2009, p. 19), sobre a chegada dos nordestinos na Amazônia:

[...] principiaram a chegar os cearenses, como aqui são chamados todos os nordestinos. Eram flagelados da seca e chegavam aflitos e sofridos do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia. A Amazônia os acolheu; e, durante quase um século do Ciclo da Borracha, os nordestinos tornaram a Amazônia mais rica, melhor, maior e, sobretudo, mais brasileira. Chegaram brabos, e a Amazônia os domesticou; tornaram-se seringueiros mansos e experientes na linguagem regional.

Os migrantes nordestinos acreditavam que poderiam formar um grande patrimônio e assim voltar à sua terra natal com melhores condições financeiras do que partiram, bem ao modo de tantas outras personagens de que tanto ouviam falar no Nordeste, os chamados *coronéis da borracha*, sobre os quais eles conheciam histórias de enriquecimento rápido. E foi com a promessa de melhoria de vida, pelo delírio da prosperidade e até em busca de aventuras, que milhares de nordestinos chegaram à Amazônia com a bagagem cheia de sonhos que viriam a se tornar grandes pesadelos causados pela perspectiva da oposição do lugar em relação à sua região natal, como afirma Benchimol (1992, p.35):

Há um contraste geográfico e humano a salientar-se entre a Amazônia e o Nordeste. De início salta aos olhos a chocante disparidade entre essas clássicas paisagens. O que uma tem de mais, a outra tem de menos. Não há termos de proporção entre esses extremos. Passamos brutalmente de um deserto para um dilúvio, da caatinga cinzenta e quase-morta para a hileia verde e sempre viva. Do sertão para o rio, “da sede para o afogamento”.

A Amazônia representou a oposição entre dois mundos que se encontraram e causaram um rompimento cultural e simbólico sem igual na história da região, processo denso e que deixou marcas indeléveis para a Amazônia. O encontro dessas culturas permeou a ficção acerca da região, e permitiu a construção de um novo imaginário híbrido entre dois mundos; de um lado, o nordestino, homem de muita força interior; de outro a Região Amazônica, com seus desafios quase intransponíveis. Dessa simbiose, o seringueiro é a figura que mais se aproxima como criação de identidade que resultou a partir desses dois mundos.

O seringueiro nordestino deslucou-se para a Amazônia com grandes expectativas de enriquecimento rápido, porém o que encontrou foi um regime de subordinação da sua força de trabalho, uma vez que fora ludibriado pelos seringalistas, que, com vistas a compor um grande contingente de trabalhadores para os seringais na Amazônia, faziam financiamentos para atraí-los, prometendo-lhes boas condições de trabalho, lucro, dinheiro fácil e a promessa de ficarem ricos.

Acreditando nessas promessas, milhares de trabalhadores encaminharam-se para a Amazônia, tendo suas despesas “custeadas pelos seringalistas”, porém, ao chegarem aos seringais, eram informados pelos coronéis que teriam que pagar todos os gastos referentes à viagem, assim descobriam que tinham sido enganados, e dia após dia trabalhavam arduamente para sanar essa dívida, que, na verdade, só aumentaria com o passar do tempo, tendo em vista que o pagamento pela sua produção nos seringais era mínimo, e tudo de que precisavam no que diz respeito à alimentação em geral teriam que comprar do dono do seringal a preços exorbitantes, fazendo que contraíssem mais dívidas e impedindo-os de deixar os seringais, já que a quitação da dívida era condição para isso. O seringueiro só podia comprar os produtos do coronel em um estabelecimento localizado no seringal, o chamado *barracão*, onde era vendido todo tipo de artigos, desde vestimentas e instrumentos de trabalho à alimentação – tudo isso comercializado a preços astronômicos.

Para vender o produto, fruto do seu trabalho, o seringueiro só poderia possuir vínculo comercial com o dono do seringal. Essa regra fazia parte do longo regulamento estabelecido pelo patrão ao seringueiro assim que adentrava o seringal. O coronel aproveitava-se dessa

“norma” para comprar o produto a um preço baixíssimo, tendo em vista que era também ele quem determinava o valor que pagaria pela mercadoria.

Nas palavras de Souza (2010, p.109):

O seringueiro, retirante nordestino que fugia da seca e da miséria, era uma espécie de assalariado de um sistema absurdo. Era aparentemente livre, mas a estrutura concentracionária do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar. Se tentava a fuga, isso podia significar a morte ou castigos corporais rigorosos. Definhava no isolamento, degradava-se como ser humano; era mais um vegetal do extrativismo [...].

Temos esse fato descrito em uma cena da teledramaturgia, na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007), na qual é mostrada a indignação do migrante nordestino Bastião ao chegar com sua família ao Seringal Santa Rita e descobrir que fora enganado:

Bastião: - Na hora de contratar ninguém me falou que era desse jeito, Seu Coronel. Tá certo que eu não *preguntei* antes, mas isso é caso até de recorrer ao juiz.
Coronel Firmino: – Juiz? Mas que juiz? Onde é que *cê* pensa que *tá*? Aqui no meu seringal mando eu! Aqui eu sou o juiz. Juiz, delegado, imperador, papa, rei; e ninguém se mete a besta, não! E na lei daqui só tem um artigo: é o 44 (mostrando a espingarda). É bala! (AMAZÔNIA, 2007, DVD 1).

Dessa forma, temos a ficção no território da verossimilhança, que, na visão de Aristóteles, é aquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade. (CÂNDIDO, 2011, p. 20).

As personagens seringueiro e seringalista são bastante recorrentes quando pensamos em ficções referentes ao Ciclo da Borracha, bem como na história. Quando imaginamos uma figura que desencadeia as desventuras dos seringueiros, sem dúvida ela é representada pelo seringalista com todos os seus desmandos e exploração da força de trabalho. Conforme Lima (2009, p.70):

Seringalistas e seringueiros são, na maioria dos romances da borracha, as personagens centralizadoras dos enredos ou, se considerarmos outro aspecto da narrativa, personagens sob as quais recai a focalização. As demais figuras presentes nas atividades do seringal, entre elas gerentes, guarda-livros ou aquelas atreladas ao processo do ciclo, tais como aviadores, exportadores não têm presença de destaque na prosa do “Ciclo da Borracha”.

A imagem a seguir, extraída da minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, representa a chegada dos migrantes nordestinos em um seringal amazônico. Na cena retratada

pela teledramaturgia os seringueiros chegam otimistas e cheios de planos para o futuro, mas logo são informados da real situação à qual estarão submetidos a partir de então. A cena mostra os seringueiros aproximando-se do “barracão”, lugar definido por Nascimento Silva (2000, p. 74) como “o local onde morava o gerente do seringal e famílias de trabalhadores assalariados, formando pequeno lugarejo. Nesse lugarejo ficava o armazém de mercadorias e o de borracha”. É a partir desse momento que o trabalhador descobre que fora enganado e que a partir de então passaria a ser explorado pelo patrão.

Como exemplo de seringalistas que exploraram desmedidamente a força de trabalho de seus empregados, temos na teledramaturgia a personagem Coronel Firmino na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007). Tal personagem importava-se apenas com seus lucros e com o enriquecimento à custa da força de trabalho alheio, mostrava-se insensível às péssimas condições às quais submetia os seus trabalhadores, usava o seu poder de coronel da borracha para explorar a força de trabalho dos seringueiros e atuava como um dos grandes vilões da trama e, no decorrer da narrativa, foi substituído por seu filho, Augusto, no que diz respeito à vilania e aos desmandos, típicos de um coronel da borracha, demonstrando que o poder corrompia as pessoas daquele sistema, um ciclo vicioso perpetuado não só naquele espaço, mas também em toda a Amazônia, nos seringais espalhados pela região.



Figura 1: Imagem extraída da minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*
Fonte: *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007, tempo 8m, 6s)

1.3 Principais tipos humanos pertencentes ao Ciclo da Borracha

Alguns tipos humanos são bastante recorrentes quando analisamos as ficções referentes ao Ciclo da Borracha, ou seja, na história da Região Amazônica é farta a presença desses indivíduos, que permeiam o imaginário do lugar. Vejamos:

1.3.1 Seringueiro

Os seringueiros, dentro do Ciclo da Borracha, eram os trabalhadores primários, responsáveis pela extração do látex das seringueiras; representavam a mão de obra braçal, o elo mais fraco dentro da relação seringueiro/seringalista, uma vez que eram subordinados às vontades do coronel em todos os sentidos, como trabalhador e até na vida pessoal. De acordo com Tocantins (1982, p. 104), quando o seringueiro “chegava à barraca de paxiúba no ‘centro’ do seringal, era para se casar com a selva. Um casamento rigidamente monogâmico, em que o enxoval do noivado só se prepara depois: a borracha, só borracha”. Dessa forma, o seringueiro dedicava a sua vida à extração do látex e em troca disso era explorado pelo patrão que “errava” nas contas na hora de realizar seu pagamento e não tinha pudor algum em submetê-lo a um regime de semiescravidão.

Tocantins caracteriza o seringueiro dentro do sistema econômico da borracha como

[...] um homem bionicamente verde. Ecologicamente situado, mas socialmente perdido: em seus direitos humanos, em toda a dignidade em ser homem. Perdido pela natureza autocrata, pelo patrão prepotente, patrão também envolto pela agressividade do meio, cumprindo as normas inflexíveis de um sistema social monstruosamente arquitetado. Sistema que a própria natureza condicionou: abriu caminhos para implantar-se uma neoescravidão (TOCANTINS, 1982, p. 104).

O seringueiro, como figura humana no ciclo econômico da goma elástica, foi o que mais sofreu, seja por conta do regime de subordinação da sua força de trabalho, seja pela agressividade do lugar em que estava, em meio à exuberância da floresta amazônica, repleta de animais selvagens que ofereciam riscos à sua vida e permeada de árvores de seringueiras que ofereciam a “oportunidade de riqueza almejada”, chama que alimentou a obstinação desses homens, que se subordinaram a esse sistema inicialmente por acreditarem que poderiam ter uma vida melhor economicamente, e logo após por não terem alternativa, já que com o passar do tempo não conseguiam desatrear-se do chamado coronel de barranco, que se empenhava em lograr meios de fazer que esse trabalhador não deixasse o seringal. Um dos

artifícios utilizados era a contração de dívidas pelo seringueiro, o que impedia o trabalhador de deixar aquele ambiente. De acordo com Lima (2009, p. 43), “o nordestino na Amazônia começava sempre a trabalhar endividado, pois, via de regra, obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação”.

Além disso, o seringueiro devia obedecer a um rígido regulamento no qual possuía muitos deveres e pouquíssimos direitos; era mais uma forma de repressão. Destacamos a seguir um trecho desse regulamento.

[...] fazer as suas transações somente com o depósito onde trabalha, para engrandecimento deste, e não fazer com outro depósito, mesmo que seja da mesma firma, muito menos com pessoas estranhas à casa. Entretanto lhe é permitido, ao ir para os seringais, levar para o seu uso tudo que julgue conveniente, exceto bebidas alcoólicas, que é terminantemente proibido nos seringais; pagar fielmente as suas dívidas contraídas no depósito onde trabalha, porque isso não só lhe proporciona mais crédito e mais conceito, como garante sua estadia no seringal por todo que convenha nele permanecer (BENCHIMOL, 1992, pp. 102-103).

De acordo com Benchimol, esse regulamento foi publicado na década de 1930, portanto na época da crise da borracha. Segundo o autor, “esse regulamento representa a visão do ‘Barracão’ e do ‘Coronel’, mas de um barracão e de um coronel humanos”. Todavia não podemos deixar de notar que, embora o autor afirme a “humanidade” do barracão e do coronel, o que temos é uma norma que promove muitos deveres para o trabalhador e nenhum direito e/ou garantia para este. Apesar de o regulamento estar datado do ano 1934, não significa que o seringueiro não tivesse um regimento anterior a essa data, como no período áureo da borracha. Pelo contrário, ao chegar ao seringal, o trabalhador era informado sobre as “leis” a que deveria obedecer, que eram basicamente as mesmas em todos os seringais amazônicos, independentemente do lugar onde fosse trabalhar, uma vez que o sistema de trabalho semiescravo era comum nos seringais amazônicos.

1.3.2 Coronel de Barranco

O coronel de barranco é uma das personagens mais instigantes quando pensamos no Ciclo da Borracha na Amazônia e na ficção referente a esse ciclo. Ele é o responsável pelas desventuras dos seringueiros, uma vez que representou o homem que explorou a força de

trabalho de milhares de seringueiros na Amazônia, e é sempre imaginado como um homem rude, com uma grande ambição, que impõe suas vontades para aqueles que para ele trabalham em um sistema de escravidão.

Essa nova forma de poder constituído nos seringais amazônicos possuía peculiaridades entre os coronéis existentes na região. De acordo com Vilaça (2006), no Nordeste e no Norte, o coronelismo sustentou-se em forte teia de laços que perpassavam as relações no seio da família, no trabalho, na posse e no uso da terra, bem como nas estruturas de poder tradicionais. Janotti (1981) defende a existência da relação patriarcal, principalmente no sertão nordestino: “Nas áreas de economia frágil, como no sertão nordestino, a autoridade pessoal revestia-se mais das antigas prerrogativas do patriarcalismo” (JANOTTI, 1981, p.48). Monteiro (1977, p. 297), por sua vez, observa que, diferentemente do coronelismo existente na Região Amazônica, e que também existiu no Nordeste, por meio do ciclo do cacau, que promoveu a fixação à terra e criou condições para que se estabelecesse uma cultura expressiva do sedentarismo burguês na Amazônia, conforme Mendes e Queiroz (2012), não se buscava ter vínculos com o local. A princípio, todos estavam de passagem. A transitoriedade era a marca da Amazônia. Os coronéis não visavam melhorias para a região e seus agregados. Por isso, falta a estrutura básica de sobrevivência de uma comunidade: escola, posto de saúde, igreja etc. Nesse sentido, de acordo com Lima (2009), o “Ciclo da Borracha” apresentou um panorama social bastante diverso. Sendo economia de transplantação, suas características eram as relações de desconfiança entre patrão e freguês; suas moradias ostentavam o aspecto da improvisação dos que não tomavam assento definitivo à terra. Monteiro (1977, p. 41) destaca que a sociedade econômica do ciclo conduz

[...] os trabalhadores da ‘margem’ para o ‘centro’, da liberdade para a reclusão, isola-os, explora-os, escraviza-os ao regime da conta sem-fim, animaliza-os, brutaliza-os, inutiliza-os até para a satisfação sexual, instaurando um quadro de renúncia forçada aos acenos ambiciosos da vida, um estatuto de anacoretismo em que parece mais evidente o contexto da sabedoria popular: mente desocupada é oficina de satanás. A ausência da fêmea, nutrindo a preocupação dos machos famintos de associação e presença, é suprida pela imaginação sofredora e urgentiza a paródia, a busca de soluções desesperadas. Daí para os conflitos sangrentos é um passo. Nasce o infernismo literário, produto da economia predatória e da paixão solitária.

De acordo com Lima (2009, p.16), “a imagem clássica do seringalista é a do homem poderoso, de origem quase sempre nordestina, trajando terno de linho branco ‘HJ’, chapéu-chile, utilizando bengala e relógio de algibeira”. Assim, em relação à Região Amazônica, o termo coronel de barranco mantém o significado do restante do País: um homem que manda na região, dá as ordens, dita as regras e delega funções em meio à floresta. Segundo Souza

(1994, p. 182) “o coronel de barranco dos ciclos da borracha é um *cavalheiro citadino em Manaus e o patriarca feudal no seringal*”. Sendo assim, atuava de acordo com o ambiente em que estava. Enquanto na cidade era um homem civilizado, urbano, cheio de modos cavalheirescos, no seringal se travestia de um senhorio que subjugava os trabalhadores que ali se encontravam sob seu domínio.

Essa figura foi tema de grandes discussões de intelectuais, uma vez que encarnava a própria lei. Todas as decisões deveriam ser dele, e sem ele nenhuma iniciativa poderia acontecer. Mendes e Queiroz (2012) afirmam que na Amazônia, como no Nordeste, o coronel interfere na vida de seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, arbitrariedades, impedindo-os de organizar famílias, proibindo-os de caçar, plantar e pescar, forçados a efetuar todos os seus suprimentos no armazém do patrão.

Outro aspecto que assemelha as regiões Norte e Nordeste é o apoio político oferecido pelos coronéis aos candidatos. O coronel garante o voto de seus subordinados, o chamado *voto de cabresto*, em troca de favores políticos. Essa ação do coronel determinava eleições e decidia o destino da população local. Como afirma Leal (1976, p.56):

A maioria do eleitorado brasileiro reside e vota em municípios do interior. E no interior o elemento rural predomina sobre o urbano. Esse elemento rural, como já notamos, é paupérrimo. São, pois, os fazendeiros e chefes locais quem custeiam as despesas do alistamento e da eleição. Assim, “documentos, transporte, alojamento, refeições, dias de trabalhos perdidos, e até roupa, calçado, chapéu para o dia da eleição, tudo é pago pelos mentores políticos empenhados na sua qualificação e comparecimento”.

Era comum o controle do eleitorado, formado por pessoas com pouca ou nenhuma instrução, trabalhadores dos seringais, que votavam em troca de algum “benefício” oferecido pelos candidatos, como podemos observar em uma passagem do romance *Seringal*, de Miguel Ferrante (2007, p.97-98):

O Dr. Adelmar está em campanha política. O atendimento dos doentes faz parte do programa do candidato – médico. A eleição é um comércio. O candidato adquire o voto do eleitor ou do dono do eleitor. O preço é variável, conforme a pessoa e as circunstâncias, e de natureza diversa. O do médico é a consulta, acompanhada do medicamento. Quem não cura nem tem medicamento dá roupa, sapatos, dinheiro, ou trafica com influências. Bom mesmo é ser amigo do dono do eleitor ou dispor de dinheiro fácil. Candidato que não é amigo do dono do eleitor, não tem dinheiro, nem nada para oferecer em troca do voto perde eleição.

Como evidenciado no trecho acima, o coronel possuía grande influência nas eleições, tendo em vista que manipulava o eleitorado e dessa forma tinha o poder de definir qual

candidato venceria uma disputa eleitoral. Na maioria das vezes o cidadão não sabia sequer assinar o nome, e o coronel era quem fazia isso por ele. Em troca do voto, o seringalista oferecia uma festa, e a população dava-se por satisfeita e tinha o dia de eleição como um dia de comemoração.

Mendes e Queiroz (2012) afirmam que a posição de coronel representava o elo entre o seringal e as casas aviadoras de Belém e Manaus – as financiadoras das mercadorias do barracão e as compradoras da borracha. Formava-se, então, uma relação de escambo com características coloniais, em que dever muito era sempre sinal de crédito com as financiadoras.

1.3.3 Aviador

Para falar sobre o aviador, é importante falar sobre o sistema de aviação, que era um dos alicerces do sistema de “trabalho” no qual os seringueiros labutavam em regime de subordinação da sua força de trabalho. Conforme Wawzyniak (2000, p. 30), “o sistema de aviamiento caracteriza-se pelo fornecimento a crédito de bens de consumo, instrumentos de trabalho e, em algumas circunstâncias, de determinadas quantias em dinheiro mediante o compromisso de pagamento posterior com a produção”.

O sistema de aviamiento era responsável pelas dívidas infundáveis do seringueiro com o seringalista, tendo em vista que o primeiro só poderia celebrar relação comercial com o segundo, sendo essa uma das regras mais importantes às quais o trabalhador seringueiro deveria obedecer, já que isso estabeleceria uma dependência financeira, visto que, a partir do momento em que o seringueiro só poderia negociar com o coronel, tanto a venda do látex quanto os produtos de subsistência, não havia ali relação comercial de concorrência, comum ao capitalismo, uma vez que era o próprio comprador quem estabelecia e fixava os preços, não restando alternativa ao trabalhador senão vender a ele.

Nesse sentido, o aviamiento, entendido como fornecimento de mercadorias a crédito para viabilizar a produção, continua estruturando a economia do interior da Região Amazônica. Silva (2010, p. 36) destaca que “o sistema complexo de aviamiento envolvia diversos agentes que estabeleciam uma cadeia vertical organizada e hierarquizada de interesses comerciais”. Havia uma estreita relação comercial dos centros urbanos com os seringais que, “ligando as extremidades entre si, surgia o ‘elo’ do aviamiento”. Nessa concepção, o aviamiento desempenhava o papel de elemento sustentador e articulador de toda a estrutura social da Amazônia.

No entanto, para Santos (1980, p. 158), “as já citadas condições da geografia regional – sobretudo o difícil acesso ao sertão produtor – levariam o sistema de aviamento a organizar-se em forma de cadeia vertical (...)”. Assim, o modelo apresentado por esse autor – denominado de Cadeia do Aviamento –, no século XIX, ficou estruturado da seguinte forma:



Figura 2: Cadeia de Aviamento do Século XIX.
Fonte: Santos, 1980, p. 160.

O mercado internacional era responsável por fornecer os bens de consumo que variavam desde instrumentos de trabalho, como tigelinhas para a coleta do látex, a produtos destinados ao entretenimento e também dinheiro, de acordo com Reis (1953). As casas “aviadoras” e exportadoras tinham a função de repassar aos aviadores de 1.ª linha, que por sua vez repassavam aos aviadores de 2.ª linha, que por fim entregavam aos extratores, último elo da cadeia. Vale ressaltar que o pagamento desses bens de consumo era feito com a produção extrativa, sendo assim o preço poderia variar conforme a valorização do produto no mercado internacional.

1.3.4 Regatão

De acordo com Goulart (1968), o regatão é um comerciante ambulante que viaja entre centros regionais e comunidades rio acima e abaixo, comercializando mercadorias para pequenos produtores caboclos e comerciantes do interior, em troca de “produtos regionais”, agrícolas e extrativistas. O regatão foi uma figura de grande importância no ciclo econômico e social da borracha na Amazônia. Era por meio dele que os produtos circulavam em lugares

isolados pelos rios na Amazônia. Responsável, de certo modo, pela fragmentação do comércio do aviador, possibilitava a movimentação de produtos que outrora somente os chamados aviadores poderiam comercializar. Tratava-se, todavia, de um comércio “ilegal”, uma vez que os seringalistas não consentiam que os seringueiros mantivessem transações financeiras de nenhuma espécie com outras pessoas, a não ser o dono do seringal.

Para Teixeira (2009, p. 159) o regatão:

É, sociologicamente, parte integrante da complexa estrutura do complexo aviametista, assim como também é o barracão. O regatão, entretanto, tem uma função bastante singular dentro dessa estrutura sociocomercial, agindo, por assim dizer, pela necessidade de expansão do comércio e do crédito mercantil, ali onde se tornava difícil a instalação de agências especializadas. Assim, o regatão organiza, conduzindo em embarcações precárias, toda sorte de gêneros requisitados pela população do interior amazônico.

À medida que o regatão adentrava os lugares mais remotos, com sua embarcação, instrumento de trabalho, onde passava a maior parte do seu tempo, e que servia ao mesmo tempo como moradia e como o lugar onde armazenava os seus artefatos, acabava por fazer inimizades com os donos de seringais, uma vez que era visto como uma ameaça aos negócios do seringalista, isso porque comercializava com um valor abaixo do que era praticado nos armazéns localizados nos seringais, e tal atitude significava a quebra do poder e do monopólio do coronel, tendo em vista que o seringueiro pagava pela mercadoria utilizando o excedente de sua produção. Dessa forma, o seringalista promovia uma série de entraves ao trabalho do regatão, agindo muitas vezes com violência, o que não impediu a continuidade do seu trabalho.

Durante todo o Ciclo da Borracha, e mesmo antes deste, o regatão permeou os rios da Amazônia; com sua canoa, atravessou os lugares mais inóspitos e praticou comércio com as populações que moravam nos lugares mais afastados. Segundo Costa (2013, p. 19),

As canoas dos regatões, cobertas de palha ou de madeira, possuíam uma cabine e duas portas, uma avante e outra para ré, cheias de prateleiras para o transporte de mercadorias, que variavam da carne seca ao feijão, do pirarucu ao sabão, do açúcar à chita, da espingarda à agulha, do fósforo à corda de viola, do barbante ao alfinete, do cigarro ao pó de arroz.

Conforme Teixeira (2009, p. 160) “o regatão se apresentava como alternativa, talvez a única por meio da qual a população pobre poderia escapar do controle dos donos dos seringais”. Isso ocorria porque ele comercializava o excedente de produção dos seringais,

oferecendo um valor maior do que o estabelecido pelo coronel na compra do látex. Dessa forma, os seringueiros viam no regatão a possibilidade de comercializar o látex a um preço “mais justo” e, além disso, conseguir adquirir outros artefatos, os quais não eram vendidos nos comércios dos seringais, tais como rendas, seda, anéis, bugigangas em geral, além da alternativa de realizar trocas de borracha por mercadorias diretamente com o regatão.

A imagem abaixo representa o regatão em sua embarcação, a qual era utilizada para navegar em rios amazônicos.



Figura 3: Regatão, o mascote da Amazônia – fim da década de 1960 – de Carlos Henrique BrekFonte: <http://historiamultimidiadexapuri.blogspot.com>

1.4 A batalha da borracha

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a suspensão no abastecimento da borracha para os Estados Unidos por conta da tomada das regiões, na Ásia, que a produziam, houve um retorno aos seringais amazônicos com o intuito de subsidiar a produção da borracha para a guerra.

O Brasil dava suporte no que diz respeito à produção de borracha, no contexto da guerra, aos países aliados graças aos Acordos de *Washington*, que, conforme Costa (2013, p. 31), “visavam, principalmente, arregimentar mão de obra para trabalhar nos seringais para a produção da borracha, para a indústria bélica dos EUA produzir artefatos de guerra para a II Guerra Mundial”. Desse modo, o Governo Federal promoveu, com intensa propaganda, uma campanha para recrutar homens para os seringais na Amazônia, a fim de fornecer látex.

Milhares de trabalhadores foram “convocados” para trabalhar nos seringais da Amazônia. Muitos se “alistaram” para trabalhar na produção de látex espontaneamente, com a

finalidade de não irem combater nos campos de batalha; outros foram por aventura, imaginando que descobririam verdadeiras fortunas na floresta amazônica; e houve ainda aqueles que foram tocados pelo sentimento nacionalista apregoado nos *slogans* do Governo Federal. Foram recrutados por meio do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e denominados “Soldados da borracha”.

O Governo Federal do Brasil utilizou-se de muitos artifícios no intuito de encaminhar homens para trabalhar nos seringais amazônicos. Um deles foi a propaganda enganosa, por meio de cartazes e *slogans* que apelavam para o senso cívico e patriótico de milhares de nordestinos que, ao término da “Batalha da Borracha”, descobririam que haviam sido ludibriados por acreditariam que fugiriam da guerra e ainda prosperariam em terras amazônicas. Nos cartazes disseminados pelas propagandas do Governo Federal, além do apelo ao sentimento nacionalista, era prometido que o trabalhador seria amparado pelo governo, que lhes garantiria os seus direitos trabalhistas. Além disso, asseguravam-lhes os mesmos direitos concedidos aos *pracinhas* (de acordo com Barone (2013), era o apelido atribuído aos soldados detentores da patente mais baixa na hierarquia militar), o que não aconteceu.

Abaixo, temos os cartazes criados pelo artista suíço Jean Pierre Chabloz, contendo os *slogans* proclamados na campanha de “alistamento” dos chamados soldados da borracha.

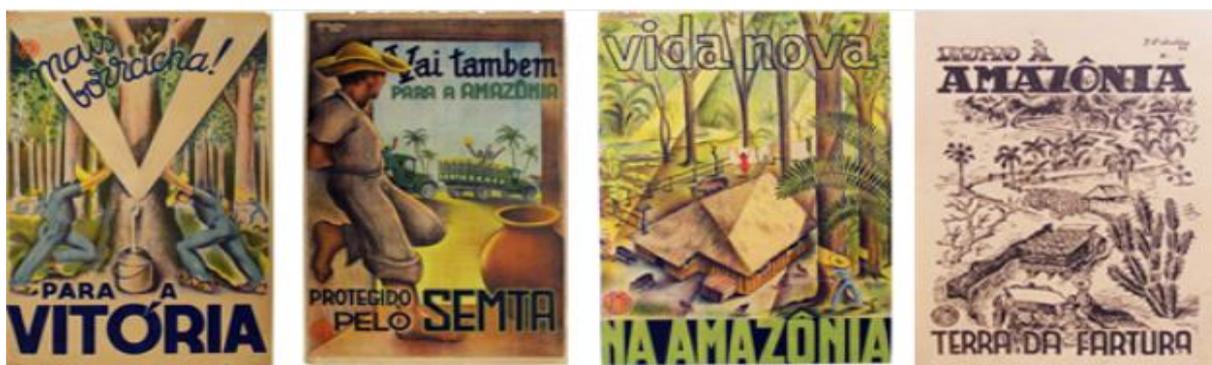


Figura 4: Em sequência cartazes utilizados como propaganda pelo Governo Federal
Fonte: <http://desimbloglio.blogspot.com>

No primeiro cartaz temos o *slogan* “Mais borracha para a vitória”, no qual vemos claramente um apelo ao senso cívico dos nordestinos, levando a crer que estavam colaborando com os interesses da nação e, além disso, ainda conseguiriam um bom emprego e poderiam ajudar a família.

No segundo cartaz, com o *slogan* “Vai para a Amazônia protegido pelo SEMTA”, temos uma forma de propaganda enganosa, já que o nordestino pensava que a agência de

recrutamento se responsabilizaria por ele, assim como o Exército dava suporte aos seus soldados, porém, ao chegarem à Amazônia, esses trabalhadores eram esquecidos.

No terceiro cartaz temos o *slogan* “Vida nova na Amazônia”. O recrutado era induzido a acreditar que, ao deixar sua terra natal e encaminhar-se para a Região Norte, teria uma vida bem diferente daquela que levava no Nordeste, cheia de miséria e sem oportunidades, todavia não foi o que encontrou em terras amazônicas.

O quarto cartaz trata da capa de um manual que os seringueiros recebiam assim que se “alistavam”. Nele era anunciada uma terra de fartura e riquezas infindáveis, um mundo vasto de riquezas que precisava apenas de pessoas para delas apropriar-se.

Os cartazes utilizados com a finalidade de atrair trabalhadores para os seringais amazônicos, propaganda do Governo Federal junto com o SEMTA, exploraram a imagem da Amazônia como uma promessa de prosperidade e de felicidade que aguardava a chegada dos migrantes.

De acordo com Benchimol (1992), havia uma diferença entre os migrantes nordestinos que chegaram no primeiro Ciclo da Borracha (1879-1912) e os chamados “soldados da borracha” (1943-1945), pois, enquanto os primeiros foram tangidos pela seca e buscavam, além de melhores condições de vida, a sobrevivência – a chamada migração por fome –, os que chegaram à Amazônia a partir de 1943, que não eram somente nordestinos, mas também cariocas, paulistas, mineiros, goianos, dentre outros, nativos das diversas regiões do País, vinham à Amazônia por diversos motivos: por aventura, acreditando que desbravariam terras nunca antes habitadas; com o intuito de fazer grandes fortunas com o chamado ouro negro; pelas promessas do Governo Federal, que oferecia um “mundo de oportunidades”; e também como alternativa de não serem enviados à guerra, para a Força Expedicionária Brasileira que lutava na Itália. Ao fim da guerra foram mortos nos campos de batalha, na Itália, cerca de 450 homens, enquanto nos seringais amazônicos foram mortos por volta de 35 mil homens, segundo estimativas do Sindicato dos Soldados da Borracha do Acre. Não se sabem os números oficiais, podendo esses quantitativos serem bem superiores, uma vez que o controle de migração não registrou todas as entradas dos migrantes na Amazônia.

Assim, foi criada a Batalha da Borracha, que “foi estrategicamente orquestrada nos altos escalões ministeriais dos dois governos (Brasil e Estados Unidos), que fixaram a sua política e a sua ação mediante a montagem de um dispositivo logístico institucional de grande envergadura para a época” (BENCHIMOL, 1992, p. 72). Tratava-se da criação de diversos órgãos que contribuiriam nesse sistema implantado pelos dois governos, dentre os quais, de acordo com Benchimol (1992), a criação do Banco da Borracha – 1942 –, que atuaria como

subsidiário de operações de crédito; a construção do aeroporto Ponta Pelada, em Manaus, que atuaria como base operacional e de apoio para os aviões americanos; a criação do Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA).

Ao fim da chamada “batalha da borracha”, os trabalhadores que se deslocaram de diversas partes do País rumo aos seringais amazônicos foram abandonados à própria sorte; não tiveram reconhecimento nenhum por seus feitos patrióticos; sequer são citados na história oficial. De acordo com dados do Sindicato dos Soldados da Borracha do Acre, de um total de 60.000 homens que trabalharam nos seringais amazônicos, 30.000 morreram em decorrência de doenças ou por ataques de animais em plena floresta amazônica. Diferentemente dos pracinhas, que receberam medalhas de honra ao mérito e aposentadorias, dentre outros benefícios, os soldados da borracha foram totalmente apagados da história.

1.5 A presença de mulheres nos seringais amazônicos

A migração dos seringueiros para a Amazônia era constituída principalmente por homens sozinhos, todavia também ocorria por homens acompanhados de sua família. O seringueiro que viesse sem a família seria mais produtivo, uma vez que não teria que comprar tantos suprimentos. Os que vinham sozinhos deixavam suas famílias no Nordeste com a promessa de mandar buscá-las assim que obtivessem melhores condições financeiras, o que, de certo modo, era interessante para o coronel do seringal, uma vez que o seringueiro que mantivesse essa esperança trabalharia com mais afinco e conseqüentemente produziria mais. Benchimol (1992, p. 51), ao se referir à questão da “migração acompanhada”, que é aquela na qual o seringueiro traz consigo toda a família, esposa, filhos, conclui: “a mulher é o elemento fixador por excelência. Dá o sentido de estabilização e permanência na terra em uma imigração bem dirigida”. Por essa razão, o autor afirma que a mulher em uma imigração, como a dos nordestinos para Amazônia (que ocorreu por diversos fatores, porém, principalmente, pela questão econômica), não contribuiria; pelo contrário, poderia atrapalhar, uma vez que “o homem sozinho tem liberdade de ir e vir fazer e desfazer. Acompanhado de sua mulher e filhos, isso não acontece” (BENCHIMOL, 1992, p. 51). Dessa forma, as mulheres eram consideradas uma desvantagem para o seringal, tendo em vista que não possuíam a mesma força física que um homem seringueiro para se dedicar à coleta e à extração do látex e, além disso, sua presença poderia representar uma preocupação a mais para o seringueiro, levando em consideração os riscos de se morar no meio da selva amazônica, rodeado por animais selvagens que comumente atacavam e vitimavam os

moradores. Sendo assim, era preferível e mais lucrativa para o patrão a migração desacompanhada.

Os seringueiros que migraram para a Amazônia desacompanhados de seus familiares e, principalmente, da mulher sofriam por conta da solidão, uma vez que tinham uma rotina de trabalho muito árdua e solitária, com mais de mais de 14 horas diárias de trabalho. Sem tempo para o lazer, dedicavam a vida para trabalho. Dessa forma, com o passar do tempo, sentiam a necessidade de presença feminina, visto que as mulheres naquele ambiente eram escassas, e além do mais o coronel com seus mandos e desmandos controlava até a vida social do seringueiro, decidindo se poderia ou não constituir uma família, visto que uma mulher no seringal aumentaria os gastos daquele trabalhador e poderia ser uma “distração”, uma vez que ele estaria dividido entre os afazeres da família e o trabalho de coleta na floresta. “Mulher, naqueles tempos, não havia, no Acre todo. Era privilégio de pouquíssimos, do patrão, constituído em família, do gerente, do guarda-livros” (TOCANTINS, 2001, p. 166).

Para Souza (2010), a presença das mulheres no seringal geralmente ocorria da forma mais degradante, por meio da prostituição, pela venda de seu corpo para satisfazer os homens que trabalhavam na coleta da seringa. Eram levadas para lá pelos seringalistas e serviam como moeda de troca, vendidas a preços impraticáveis para aqueles seringueiros que produzissem mais, geralmente os mais jovens, no auge de sua vivacidade física. Conforme Souza (2010, p. 108):

A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável versão. Para os seringueiros, isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente homens entre vinte e trinta anos, portanto premidos pelas exigências de seu vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens eram comercializadas a preços aviltantes.

De acordo com Guedelha (2013, n. p)

Em geral, ao nordestino agenciado para trabalhar nos sertões amazônicos não era facultado levar mulher para o seringal, pois na lógica capitalista do “coronel” a mulher era um fator gerador de despesas na viagem do Nordeste até ali. Além disso, tendo a mulher por perto, o homem produziria menos, ao passo que, ficando ela no sertão, ele triplicaria seu esforço de trabalho com o sonho de voltar para a companhia de sua amada e da família o mais breve possível. Tudo isso, evidentemente, era estratégia de espoliação, pois a estrutura montada nos seringais conspirava para que o sertanejo nunca mais voltasse para sua terra. Não era apenas o corpo que era escravizado, mas também a alma, os sentimentos e principalmente sua vontade; nada mais lhe restava senão o sentimento daqueles que foram deixados à espera de seu retorno que, muitas vezes, nunca aconteceria.

Assim, nos seringais amazônicos, as mulheres representavam uma antítese econômica, um empecilho para a produtividade, uma distração não tolerada pelo patrão ou administrador do seringal. Se estivessem acompanhadas do marido em sua colocação no seringal, poderiam gerar prejuízo, já que este, na concepção do coronel, trabalharia menos, visto que tenderia a preocupar-se com a família e em consequência disso teria um rendimento menor em seu posto de trabalho.

Do ponto de vista econômico, essa decisão permitiu com que grandes quantidades de látex fossem coletadas para satisfação dos donos dos seringais. Por outro lado, sob o aspecto social, representou uma prisão para o seringueiro, pois suas dívidas com o seringal aumentavam significativamente, fazendo que fossem impagáveis; muitos morriam sem conseguir quitar a dívida contraída com o patrão. Por outro lado, a mulher quando utilizada como moeda de troca, poderia gerar lucro ao seringalista, já que era tida como um objeto comercializável.

Rangel (2001) representa bem esse episódio da mulher como barganha em um de seus contos intitulados *Maibi*, pertencente ao livro *Inferno Verde*:

– Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sérgio.

– Sim, senhor – respondeu o escanzelado, retendo um suspiro. Pronunciava-se este diálogo junto ao balcão, no armazém, entre o tenente Marciano, dono do Soledade, e um seu freguês, o Sabino da Maibi. Quando a operação hedionda finalizou assim, de uma assentada, entre os dois homens, o sol descambava mordendo o friso verde-negro da mata, e a luz de fora filtrava-se por entre as brechas das paxiúbas mal ajustadas, no barracão, como se coada fosse por entre as barras férreas de um calabouço, guardando dois réprobos. Mas que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas (RANGEL, 2001, p125).

O conto retrata o período econômico da borracha. Nele são representadas as figuras típicas que viveram àquela época nos seringais amazônicos. Temas como a cobiça, a inveja, a corrupção, as explorações do homem pelo homem são retratadas. No trecho citado acima temos o episódio do comércio de mulheres, comum nos seringais amazônicos. Maibi é entregue ao patrão como pagamento de uma dívida contraída pelo marido, que “concorda” em negociar a esposa em troca do débito. Logo após é repassada a outro funcionário com mais crédito no seringal – tudo isso como se fosse uma mercadoria, uma transação corriqueira no seringal.

A mulher, nos seringais amazônicos, era basicamente um artigo de luxo, um produto comercializável e dos mais caros. Servia como garantia de pagamento de dívidas do marido, que poderia simplesmente entregá-la ao patrão para que este a repassasse a outro subordinado, disposto a comprá-la a um preço alto. Se o marido falecesse, a mulher era “deixada para o coronel”, que decidiria o que fazer da vida da viúva.

1.6 Acre, um Estado que lutou para ser brasileiro

O território do Acre, que foi anexado ao Brasil em 1903, em virtude da assinatura do Tratado de Petrópolis, já fez parte da Bolívia. O seu pertencimento ao Brasil foi fruto de inúmeros embates por parte de um povo (brasileiros) que ali habitava desde sempre, trabalhando em seringais, contudo, quando a Bolívia resolveu tomar posse de suas terras, teve que travar muitas batalhas para que enfim o território fosse reconhecido como brasileiro.

No fim do século XIX, com a exploração da borracha – látex –, houve uma verdadeira corrida rumo à Amazônia em busca do chamado ouro negro (como ficou conhecida a borracha). Milhares de pessoas advindas de todas as partes do País migraram para o Acre com o propósito de explorar a borracha e fazer fortuna, assim adentraram a fronteira entre Brasil e Bolívia e chegaram ao então território acreano, onde estava localizada grande parte dos seringais, o que acarretou um conflito diplomático entre os dois países, uma vez que o Acre pertencia à Bolívia por força de tratados internacionais, embora essa região fosse habitada por brasileiros, tendo em vista que os bolivianos tinham esse território como “terras não descobertas”.

De fato, tais terras não foram exploradas pela Bolívia, tanto que, de acordo com Tocantins (2001), somente no ano de 1895 é que ocorreu a primeira expedição “por terras não descobertas”, porém, ao chegarem ao Acre, já encontraram a região amplamente povoada por brasileiros. A partir de então surgiram divergências entre Brasil e Bolívia, já que os bolivianos reclamaram as terras que a eles pertenciam, e o Governo Federal do Brasil permanecera inerte aos protestos, não por desconhecimento de tais fatos, mas sim por omissão, uma vez que estava ciente da entrada de brasileiros em terras bolivianas e, sendo assim, tinha conhecimento do fluxo migratório que se instaurou desde anos anteriores, principalmente no ano de 1877, devido à grande seca que fez que milhares de nordestinos migrassem para a Amazônia.

De acordo com Neves & Souza (2010, p.12),

Tão logo começou a febre do ouro vegetal, a borracha, que brotava abundante de árvores amazônicas, uma corrente humana foi criada e levou milhares de homens cada vez mais longe floresta adentro. O ano de 1880 marcou a chegada dessa avassaladora onda humana às terras acreanas. Brasileiros de todas as partes: Amazonas, Pará, Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, que se misturaram aos muitos espanhóis, portugueses, judeus, sírios, libaneses, turcos, italianos, ingleses, barbadianos, bolivianos e peruanos, entre outros.

As autoridades bolivianas preocupavam-se com a questão da ocupação por brasileiros de terras bolivianas, tendo em vista que eram terras muito ricas em árvores de borracha, que era o produto mais valorizado na época; e, embora o Governo Federal do Brasil, na figura do então Presidente da República Campos Sales, não se posicionasse em relação a essas terras e não demonstrasse interesse em tomá-las para si, era habitada, sobretudo, por brasileiros que exploravam suas riquezas, e o lucro de tudo ia para os cofres do Brasil. De acordo com Tocantins (2001, p 30),

Chamavam-lhe atenção, de modo especial, as possibilidades econômicas do território, fértil em árvores de borracha, produto cujo valor crescia na cotação financeira dos centros comerciais do mundo. Isso vinha aumentar suas preocupações, pois a riqueza do Acre talvez fosse a desgraça da Bolívia, impotente para conter os anelos de independência dos brasileiros estabelecidos nos seringais que fundaram e mantinham em produção.

Com o intuito de resolver essa questão, no dia 02 de janeiro de 1899, Dom José Paravicini, ministro boliviano, com o consentimento do governo brasileiro, estabeleceu uma alfândega no Acre, a qual denominou *Puerto Alonso*, com o objetivo de dar um fim ao conflito e tomar posse definitiva das terras pertencentes ao seu país. Dessa forma, estabeleceu uma série de regras que deveriam ser cumpridas severamente pelos moradores da região, dentre elas: administração boliviana na região e conseqüentemente a implantação de suas leis; língua e moeda, e, além disso, estabelecimento de pagamento de altíssimos impostos sobre a borracha explorada em seringais localizados naquela região; determinou também a demarcação de todos os seringais dentro de um prazo de seis meses; e aqueles que não o fossem seriam confiscados pelo governo boliviano. Tal austeridade do ministro boliviano gerou um clima de revolta entre seringalistas e seringueiros, que, de acordo com Tocantins (2001), se mobilizaram a partir desse episódio para expulsar as autoridades bolivianas do Acre. Assim, após alguns dias, Paravicini partiu para Belém deixando o delegado Moisés Santivanez em seu posto; e foi nesta oportunidade que seringueiros e seringalistas se organizaram e expulsaram o representante boliviano do território acreano, não restando a ele alternativa senão render-se e partir para Manaus em 01 de maio de 1899.

Apesar da resistência do Governo Federal em anexar ao território nacional a área que compreendia o território do Acre e que era ocupada por brasileiros, o Governo do Amazonas via com bons olhos a incorporação da região ao Brasil, já que acreditava que esse seria agrupado ao Amazonas, aumentando assim a arrecadação do Estado. Posto isso, o governador do Amazonas, José Cardoso Ramalho Júnior, organizou uma expedição liderada pelo espanhol Luiz Galvez, então repórter de um jornal de Belém, que denunciara meses antes a existência de um acordo firmado entre Bolívia e Estados Unidos, o qual, dentre outras garantias, declarava que, em uma possível guerra entre Bolívia e Brasil, os Estados Unidos apoiariam a Bolívia. A expedição foi comandada por Luiz Galvez e financiada por seringalistas que temiam perder suas posses para o governo boliviano.

De acordo com Tocantins (2001), em 14 de julho de 1899, Luiz Galvez Rodriguez de Arias proclamou a República Independente do Acre, proferindo sua icônica frase “Já que nossa pátria não nos quer, criamos outra” (1899, discurso pela República do Acre). Porém a República Independente do Acre durou apenas alguns meses, pois logo o governo brasileiro organizou uma expedição militar (15 de março de 1900), encarregada de destituir Galvez, devolvendo em seguida as terras do Acre à Bolívia, que era a sua detentora, em virtude da assinatura do Tratado de *Ayacucho*, de 1867, pactuado entre Brasil e Bolívia e que reconhecia a posse do território acreano aos bolivianos.



Figura 5: Luiz de Galvez, espanhol que proclamou a Independência do Acre
Fonte: www.obighouseblogspot.com

De acordo com Tocantins (2001), em 29 de dezembro de 1900, foi feita uma nova tentativa de conquista do território acreano, a *Expedição dos Poetas*. Dessa vez liderada pelo poeta José de Carvalho, e mais uma vez financiada pelo governo do Amazonas, mas fracassou devido à ausência de preparo militar. Tal expedição foi mais de um fervor ideológico, um entusiasmo nacionalista; sequer chegou a ameaçar as tropas bolivianas.

Em 11 de julho de 1901, empenhado em dar um fim aos conflitos e retomar a posse do Acre, o governo boliviano assinou um contrato de arrendamento do território acreano a uma corporação internacional, o *Bolivian Syndicate*, que, dentre outras prerrogativas, teria autonomia alfandegária e poder militar sobre a população. Tal posicionamento desencadeou uma série de divergências entre Brasil e Bolívia, pois tal atitude foi vista como uma tentativa de internacionalização da Amazônia, uma vez que feria a soberania do Brasil por tocar em uma série de pontos que não foram discutidos previamente com os representantes brasileiros. Dentre os principais pontos previstos no contrato do *Bolivian Syndicate*, destacamos:

O Sindicato, com sede na cidade de Nova Iorque, ficava com a administração fiscal do território do Acre, podendo assim cobrar toda espécie de impostos, direitos alfandegários, usufruir de rendas de terras, em conformidade com as leis bolivianas.

O Sindicato possuía a faculdade de exercer e assegurar até pela força todos os direitos e privilégios.

O capital inicial seria na base de 500.000 libras esterlinas, cabendo 60% dos lucros ao governo boliviano; e 40%, à sociedade.

O Sindicato ficava investido do direito de adquirir por compra toda e qualquer parte das terras compreendidas no Território do Acre. Aos seus posseiros ou ocupantes, seria assegurada a posse.

O Sindicato tinha o direito de navegar livre e tranquilamente por todos os rios do território acreano, e podia, a seu critério exclusivo, outorgar concessões para a navegação nos ditos rios, respeitando os tratados internacionais do gênero.

O governo boliviano concedia ao sindicato todos os direitos de exploração de minas na área submetida à sua administração fiscal.

[...]

O governo boliviano conferia ao sindicato, pelo período de trinta anos, computados depois de expirar doze meses da confirmação ou ratificação do contrato pelo congresso, o direito e a autoridade exclusivos para arrecadar e exigir o pagamento de toda e qualquer espécie de imposto ou renda.

Em caso de necessidade, a juízo do governo boliviano, o Sindicato podia equipar e manter uma força armada de navios de guerra, para defesa dos rios ou para a conservação da ordem interna, ou outros objetivos, em adição à força de política (TOCANTINS, 2001, pp. 60-61).

Postas as cláusulas do contrato de arrendamento que a Bolívia celebrara com o *Bolivian Syndicate*, as autoridades brasileiras se viram obrigadas a enfim tomar partido junto ao conflito, que já se arrastava havia anos, considerando que não se poderia admitir a interferência de um novo poderio tão próximo às suas fronteiras; e, além disso, com tanta influência como a que o contrato de arrendamento assentia, como na condição contratual, que permitira força militar e naval a uma companhia estrangeira que executaria suas atividades navegando por rios brasileiros, o que ameaçava a soberania do Estado Brasileiro, o que foi visto claramente como uma tentativa de intervenção internacional na Amazônia.

Em 1902, após malogradas insurreições, o ex-militar gaúcho Plácido de Castro assumiu o comando das forças revolucionárias, porém com algumas condições, dentre elas:

Não interferência do Governo Silvério Néri no movimento, e da formação de uma Junta Revolucionária que se dissolveria ao romper as operações de guerra, ficando centralizados na pessoa do comandante-chefe todos os poderes civis e militares. E, a bem da disciplina, quem faltasse aos deveres impostos pela campanha, ou aos compromissos assumidos, seria sumariamente passado pelas armas (TOCANTINS, 2001, p.117).

Tendo suas exigências atendidas, responsabiliza-se pelo comando da operação que tomaria o controle do Acre e o “devolveria” ao Brasil. Diferentemente da *Expedição dos Poetas*, ocorrida anteriormente e que não dispunha de preparo militar, a revolução liderada por Plácido de Castro possuía um chefe à altura. Conforme Tocantins (2001), Plácido de Castro ensinou aos seringueiros técnicas de estratégia e combate. A Revolução Acreana teve início em 06 de agosto de 1902 e término em 24 de janeiro de 1903, dia em que as autoridades bolivianas, já sem alternativas ou meios de continuar a guerra, se renderam. Nascia o Estado Independente do Acre e Plácido de Castro foi aclamado seu Governador, em caráter temporário.



Figura 6: Plácido de Castro
Fonte: www.uoleducacao/placidodecastro

A questão do Acre viria a tomar outros rumos após a mudança de governo, no Brasil, com a investidura de um novo Presidente da República, Rodrigues Alves, em 15 de novembro de 1902. Enfim o País daria uma resposta à crise que já se arrastava havia anos.

Em 3 de dezembro de 1902 foi empossado ao cargo de Ministro da Relações Interiores José Maria Paranhos Junior, o Barão do Rio Branco, e a partir de então a diplomacia brasileira por fim trabalharia em prol da resolução da questão acreana. Em 17 de novembro de 1903, por intermédio do Barão do Rio Branco, foi assinado o Tratado de Petrópolis, o qual pôs fim às lutas pelo território do Acre. Dessa forma, o Estado foi anexado ao território brasileiro, e em troca o Brasil cedeu parte das terras que pertenciam ao Mato Grosso e, além disso, de acordo Tocantins (2001), pagou dois milhões de libras esterlinas à Bolívia, indenizou o *Bolivian Syndicate*, que ainda não tinha investido dinheiro algum no Acre, em 110 mil libras esterlinas, e ainda se comprometeu a construir a Ferrovia Madeira Mamoré, a qual auxiliaria no escoamento da produção de borracha e outros produtos da Bolívia em direção ao Atlântico.

No ano de 1904, o Tratado de Petrópolis foi regulamentado por Lei Federal, e o Acre passou a fazer parte oficialmente do território brasileiro, porém somente em 1962 foi elevado à categoria de Estado.

2 AMAZÔNIA, DE GALVEZ A CHICO MENDES – FICÇÃO E REALIDADE NA NARRATIVA TELEVISUAL

Neste capítulo, fazemos a análise comparativa de fatos históricos e ficcionais no que diz respeito à trajetória de Chico Mendes. Para isso utilizamos o ensaio *O Empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza, para retratar o homem histórico, e a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, para demonstrar a figura de Chico Mendes que foi construída pela teledramaturgia, a fim de que compreendamos como se deu a recriação de fatos históricos para a narrativa televisual. Além disso, destacamos os romances *Terra caída* (2007), de José Potyguara, e *Seringal* (2007), de Miguel Ferrante, para percebermos como as personagens ficcionais, que representam o momento histórico do Ciclo da Borracha, ganharam vida na teledramaturgia, tendo em vista que boa parte das personagens apresentadas na minissérie são provenientes dos livros mencionados.

Inicialmente trataremos sobre ficção e realidade na narrativa televisual e, para isso, faz-se necessário discutirmos acerca da telenovela brasileira, que é um dos programas de maior audiência da TV aberta (serviço gratuito oferecido pelas emissoras à população).

De acordo com Pallottini (2012), hoje, a maior parte da programação das mais importantes emissoras brasileiras corresponde a telenovelas. Segundo a autora, “de cerca de dezoito horas de programação, aproximadamente seis delas, ou seja, um terço do tempo, corresponde a programas de ficção, basicamente telenovelas” (PALLOTTINI, 2012, p. 98).

A telenovela, além de ser um gênero bastante popular, é um produto muito rentável, uma vez que trabalha com o chamado *merchandising*, termo inglês que significa mercadoria. Representa um método de planejamento responsável pela projeção e pela promoção de um produto em um determinado local, de uma determinada forma. As telenovelas impulsionam certo item por meio de anúncio, publicidade e ainda a introdução deste em alguma cena ou mesmo durante o intervalo comercial. Isso garante a venda do produto, popularidade ou mesmo o estímulo à compra pelo telespectador, dentre outros fatores, que podem variar de acordo com a vontade e/ou a necessidade do anunciante. Conforme Pallottini o *merchandising* apresentado pela telenovela difere do *mechandising* comum (explícito), tendo em vista que o promovido pela ficção é “a publicidade implícita que se faz no interior da ficção, durante o decorrer da ação na telenovela. Criada no texto pelo próprio autor, essa publicidade é inserida no fluxo narrativo, na corrente ficcional, e dela passa a fazer parte” (PALLOTTINI, 2012, p. 110).

2.1 A telenovela e a minissérie brasileiras

A estrutura da telenovela é o melodrama, que lida com as emoções e/ou o caráter de determinada personagem, com o intuito de causar comoção ou mesmo chamar a atenção do espectador. Isso explica, de certo modo, a carga dramática e emocional apresentada nas telenovelas.

No Brasil, o formato começou a ganhar repercussão a partir da década de 60, tornando-se, hoje, um dos produtos mais bem-sucedidos da televisão brasileira com público cativo tanto nacionalmente quanto internacionalmente, uma vez que são comercializadas para outros países.

De acordo com Moisés (2012, p. 334) “a palavra novela remonta ao italiano *novela*, por sua vez originário de Provença (‘novas’, ‘novelas’), onde significava relato, comunicação, notícia, novidade. A raiz etimológica estaria no latim *novela*, de *novellus*, adjetivo diminutivo derivado de *novus*.

As telenovelas brasileiras costumam narrar situações do cotidiano social, sendo estas ficcionais e/ou baseadas em fatos. São episódios que geralmente giram em torno de um romance ou de um acontecimento histórico, na maioria das vezes, tendo como pano de fundo uma história de amor, que é o que costuma render audiência às telenovelas, tendo em vista que o telespectador passa a torcer pelo casal de mocinhos.

Para Pallotini (2012, p. 33) a telenovela é:

uma história contada por meio de imagens televisivas, com diálogo e ação, criando conflitos provisórios e conflitos definitivos; os conflitos provisórios vão sendo solucionados e até substituídos no decurso da ação, enquanto os definitivos – os principais – só são resolvidos no fim.

A telenovela conta mais ou menos com 160 capítulos, que são exibidos cerca de seis vezes por semana com uma duração em torno de 45 a 50 minutos. Os capítulos, comumente, não estão todos gravados antes de irem ao ar, assim o público, na telenovela de modelo brasileiro, tem grande participação em sua composição, uma vez que tem o “poder” de modificar os desfechos de algumas personagens, conforme sua empatia ou recepção por determinada história.

A minissérie, por sua vez, é um desdobramento da telenovela tendo em vista que segue basicamente os mesmos parâmetros, porém com pequenas diferenças: é uma narrativa mais

curta, que, via de regra, não sofre interferência por parte do público, por conta de ser uma obra fechada. Conforme Pallottini (2012, p. 28),

A minissérie é uma espécie de telenovela curta, cujo texto está totalmente fechado, comumente, quando começam as gravações. É uma obra já então definida em sua história, peripécias e final, no momento em que inicia. Não comporta, em geral, modificações a serem feitas no decurso do processo e do trabalho, como a telenovela de modelo brasileiro.

Ainda, segundo Pallottini (2012), a minissérie é formada por uma trama breve, à qual se adicionam incidentes menores. Assim, na minissérie, por ser um produto com menos episódios que a telenovela e por ter uma duração menor, algo em torno de quatro meses mais ou menos, as tramas paralelas adicionadas têm uma conclusão mais breve.

2.2 A minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*

Em entrevista à *Folha UOL*, em 30/12/2006, a novelista Glória Perez revela que sempre sonhou em escrever sobre sua terra natal, o Acre. A autora diz que a história do Acre merece ser contada, uma vez que é desconhecida pelos brasileiros. Prossegue a escritora:

Meu pai nasceu no Acre. Minha mãe também, além de mim. Vivi lá meus primeiros 16 anos. Meu avô fez parte da revolução, era muito amigo de Plácido de Castro [militar responsável pela vitória dos seringueiros brasileiros contra o exército boliviano na disputa pelo Acre]. É muito emocionante você contar a saga de sua família. Mas 'Amazônia' não é um livro de memórias; estou contando a história de um território; não a minha. Há muitas personagens de importância local, que existiram mesmo.

Amazônia, de Galvez a Chico Mendes (2007), de Glória Perez, retrata a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro, em 1904. Inspirada nos romances *Seringal* (2007), de Miguel Ferrante, e *Terra Caída* (2007), de José Potyguara, com direção-geral de Marcos Schechtman e pesquisa de Bianca Freire Medeiros, Giovanna Manfred e Sandra Regina, foi exibida pela Rede Globo no período de 02/01/2007 a 06/04/2007, contando com 55 capítulos.

A canção de abertura da minissérie é *Caminho das águas*, de autoria de Rodrigo Maranhão, interpretada por Maria Rita. No decorrer da música temos uma visão em perspectiva da floresta amazônica. À medida que a câmera se distancia, percebemos se tratar de uma imensa seringueira (*hevea brasiliensis*), árvore responsável pela chamada “corrida do ouro negro” para a Amazônia, que notaremos, no transcorrer da trama, que será responsável por ditar e influenciar o destino das muitas personagens retratadas na narrativa.

Quanto à trama, tem início em 1899, no Acre, e remonta à trajetória de seringueiros na Amazônia no período áureo da borracha, época em que a região era única produtora dessa goma – látex – e dessa forma detinha os olhos do mundo voltados para si.

A narrativa é dividida em três fases, nas quais são apresentadas três personagens históricas – Luiz Galvez, Plácido de Castro e Chico Mendes, que reconstituem a história do Acre e a apresentam. Junto a essas narrativas são mescladas histórias ficcionais, inspiradas nos livros *Seringal* (2007) e *Terra Caída* (2007), os quais serviram de fontes idealizadoras para que a autora pudesse reconstruir o universo dos seringais na Amazônia e que servem de conexão para ligar as três fases históricas reproduzidas na ficção.

Relacionamos brevemente as três fases compreendidas na minissérie: na primeira encontramos o percurso de duas famílias: a do seringueiro Bastião e a do seringalista, coronel Firmino. Fugindo da seca que assolava a Região Nordeste, Bastião e sua família migram para o Acre com o desejo de melhoria de vida e ascensão social, porém, ao chegar lá, no seringal Santa Rita, de propriedade do coronel Firmino, percebe que fora iludido, assim como tantas outras famílias que ali estavam. Bastião e sua família têm sua mão de obra explorada pelo seringalista, que controla todos os seus gastos e que cada dia faz que ele contraia mais dívidas, deixando-o sem alternativa, senão submeter-se aos desmandos do coronel.

Na segunda fase o destaque é para a personagem histórica Plácido de Castro, um jovem militar que resolve tentar a sorte e fazer fortuna demarcando seringais no Norte do País. Em meio às suas viagens à região, Plácido, em uma de suas idas a Manaus, é convidado pelo poeta Orlando Lopes (que anteriormente fora derrotado pelo exército boliviano, em uma tentativa de expulsá-lo do Acre) a liderar um novo confronto, porém, desta vez, ensinando técnicas de guerra à tropa, assim o jovem militar aceita o convite e ensina noções de combate a sua nova tropa, que, armada de facões, consegue finalmente derrotar o exército boliviano. Plácido de Castro proclama a Independência do Acre e é aclamado seu novo governador.

Ainda na segunda fase – por volta de 1940 –, são apresentadas narrativas ficcionais que retratam o período de derrocada da borracha. Conforme Lima (2009, p.53):

A decadência do ciclo econômico da borracha está inevitavelmente associada ao crescimento da produção da borracha na Ásia (Malásia, Ceilão, Índia e Indonésia), resultante da introdução das mudas de seringueiras levadas para aquele continente pelos ingleses, desenvolvendo ali um sistema de plantação racional e não mais apenas natural como ocorria na Amazônia. A produção da borracha amazônica, que era a maior até então, passou a sofrer a concorrência da produção asiática, não resistindo e entrando em colapso.

Para representar esse período de declínio econômico, a trama ficcional que é apresentada refere-se à história da personagem Augusto, que surge ainda na primeira fase da narrativa como filho do coronel Firmino, revelando-nos que todo o luxo e a ostentação da fase anterior foram substituídos por um período de desgosto financeiro. A trama continua destacando a questão dos seringueiros que seguiam sendo explorados.

Na terceira fase da minissérie nos é mostrada a trajetória do jovem sindicalista que lutou e deu voz aos seringueiros na Amazônia, na pequena cidade de Xapuri, no município do Acre. Francisco Alves Mendes da Silva – Chico Mendes – nasceu em 15 de dezembro de 1944, na cidade acreana de Xapuri, mais precisamente “na colocação Pote Seco, no Seringal Equador, a apenas 6 quilômetros da fronteira boliviana” (SHOUMATOFF, 1990, p.44).

Como não havia escolas nos seringais, Chico Mendes foi analfabeto até por volta dos 18 anos. Aprendeu a ler com o militante comunista Euclides Távora, que, fixando residência em Xapuri, impressionou-se com a inteligência do jovem e decidiu instruí-lo. De acordo com Souza (1990, p. 30)

O encontro com o ativista político Euclides Fernandes Távora mudou completamente a vida de Chico Mendes. Todos os sábados, depois de caminhar durante três horas pela selva fechada, Chico recebia lições de alfabetização. Na falta de material didático, usavam jornais, provavelmente um jornal do Partido Comunista do Brasil, organização na qual Euclides militava. Durante a semana, o pai de Chico ajudava a repassar as lições, apesar de suas limitações.

Euclides de Távora também foi responsável por orientar, posteriormente, Chico Mendes na função de secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, município do Acre.

Como sindicalista, encampou acirradas lutas na década de 1970 contra o desmatamento da região, de forma pacífica, por meio dos “empates”, que consistiam na ação dos seringueiros em “empatar” o desmatamento, ou seja, perfilar no meio da floresta homens, mulheres, crianças e anciãos e a comunidade com o objetivo de impedir a sua destruição, protegendo as árvores dos tratores e das motosserras com seus próprios corpos, “abraçando” coletivamente essas árvores. Essa estratégia possibilitou que extensas áreas da floresta amazônica fossem preservadas.

2.3 Livros que deram origem a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*

A minissérie teve as tramas ficcionais baseadas nos livros *Seringal* (2007), de Miguel Ferrante e *Terra Caída* (2007), de José Potyguara. A autora buscou reconstituir o momento histórico – declínio e derrocada da borracha (látex) – com base nas tramas ficcionais apresentadas nas respectivas obras. De acordo com Glória Perez, em entrevista concedida para o Canal Futura (2015), os dois romances serviram para representar as duas partes históricas que são reconstruídas na minissérie – decadência e opulência – referentes ao Ciclo da Borracha na Amazônia.

Terra Caída, de José Potyguara, teve sua primeira edição publicada no ano de 1986, pela gráfica da Fundação Cultural do Estado do Acre. A narrativa gira em torno de Chico Bento, um nordestino que migra para a Amazônia com sua família (esposa e duas filhas), durante o Ciclo da Borracha, em busca de melhores condições de vida e grande expectativa de enriquecimento, baseado nos relatos que ouvira no Nordeste, como podemos verificar no seguinte trecho do romance:

(...) de repente o flagelo da seca, estorricando a terra, matando tudo de sede e de fome! O jeito era emigrar. Apareceu por lá um paroara contratando homens para os seringais. Bem vestido e muito conversador, contava grandes vantagens da terra da borracha. Com a fome e as necessidades aumentando a cada dia, ninguém era idiota para continuar ali, esperando a morte. Preferível ir embora, aventurar-se por aí, ao deus-dará, contanto que escapasse! (POTYGUARA, 2007, p.12)

O romance mostra a trajetória da família de Chico Bento, assim como de outras personagens, bem como sua penosa adaptação na floresta amazônica, a começar pela viagem exaustiva “oito dias de viagem num cargueiro, até Belém, e mais um mês e tanto na terceira classe de um *gaiola* imundo, repleto de retirantes” (POTYGUARA, 2007, p.13). Ao chegar ao Acre, Chico Bento perde sua filha mais nova, em decorrência de malária, doença que vitimava muitos na região. Meses depois sua esposa engravida, e logo nasce um filho varão, o que o deixa extasiado, porém, alguns meses após, o pequeno também morre devido a um ataque de onça.

Junto com Chico Bento foram também, Policárpio, sua esposa e a filha Rosinha, então com 20 anos de idade. De acordo com Potyguara (2007, p. 15)

Naquele tempo mulher era fruta rara e cobiçada nos seringais. A grande distância, a incômoda viagem em morosas gaiolas, as dificuldades de comunicação sem correio

nem telégrafo, o espantinho das doenças, tudo isso agravado pelas histórias de animais ferozes e índios antropófagos, fazia da Região Amazônica um mundo misterioso, um degredo sob o domínio da morte, uma espécie de vestibulo do inferno, que só os homens – e nem todos – ousavam conhecer.

Logo Rosinha causou grande furor nos homens do seringal, uma vez que era muito bela, conforme descreve Potyguara (2007, p. 16): “linda, morena, de olhos negros cismadores, dentadura perfeita e seios empinados”. Uma mulher no seringal era motivo de disputa entre homens que lá estavam sozinhos por tão longo tempo. Dessa forma a presença de Rosinha causava alvoroço entre homens ávidos por conquistá-la, e tudo seria perfeito não fosse o fato de a moça já ser comprometida com Nonato, filho de outro seringueiro, e que também foi para o seringal em companhia de Chico Bento. No decorrer da trama o romance de Rosinha e Nonato chega ao fim, e a jovem torna-se prostituta dentro do seringal, em troca de presentes e de pequenos favores, e por fim acaba difamada, tendo em vista que homens casados e solteiros eram atraídos por seus encantos de moça bonita.

Outras personagens secundárias também são retratadas como o Coronel Monteiro (proprietário do seringal), Laura (esposa do Coronel Monteiro), Tiburtino (caixeiro), Anália (esposa de Tiburtino e amante do coronel Monteiro), Conrado (guarda-livros e escrivão), dentre outras personagens que figuraram o universo dos seringais amazônicos.

O livro *Seringal*, de Miguel Ferrante, teve sua primeira edição em 1972, porém só foi publicado posteriormente, em 1979, em São Paulo. A narrativa, em sua maior parte, transcorre no Seringal Santa Rita, no Acre, por volta de 1940, último Ciclo da Borracha.

A trama inicia com a chegada de Toinho ao Seringal Santa Rita, após a morte de seu pai, que fora morto em decorrência de um acidente de trabalho: uma seringueira tombou em cima dele. O menino é entregue aos cuidados do coronel Fábio, proprietário do seringal, que o deixa permanecer lá para que, mais tarde, possa contar com sua força de trabalho. “Fica por aqui; quando cresceres, eu te darei uma colocação” (FERRANTE, 2007, p. 18).

Toinho cresce no seringal em meio aos seringueiros, mas “ninguém se apercebe de sua existência. É uma cria. Como um cão. Um gato. Um animal enjeitado. Não lhe perguntam aonde vai ou o que faz. Come na cozinha com a famulagem. É só, sem carinho, esperando crescer para trabalhar na “colocação” (FERRANTE, 2007. p.45). Em meio a tantas pessoas conhece Paula, uma menina de 12 anos que vive no seringal em companhia de sua mãe, uma senhora paralítica. “Conhecera-a logo nos primeiros dias de sua chegada ao barracão (...) Era como se sonhasse um sonho bom, banhado por um verde-sol de encanto, a voz de Paula a despertá-lo como uma carícia”. (FERRANTE, 2007, p. 53).

A ação se desenrola quando a menina é estuprada por Carlinhos, afilhado do coronel, e aos poucos fica debilitada e logo desenvolve um quadro profundo de depressão. Após o ocorrido, Toinho passa a refletir acerca das injustiças que cercam os trabalhadores do seringal, uma vez que o caso ficou impune, já que o coronel, temendo represálias por parte dos seringueiros, tratou de embarcar o seu afilhado para Rio Branco.

Histórias de outras personagens, que giram em torno de Toinho, também são retratadas como a do seringueiro Pedro Câmara. Ele abrigou em sua casa um amigo, Chico Xavier, que lhe ajudara no trabalho, mas logo passou a desconfiar de que este mantinha um caso extraconjugal com sua esposa, Lina. Angustiado pela dúvida, solicitou, pacificamente, que Xavier buscasse outro lugar para morar, porém, ao ir embora, levou consigo a mulher de Pedro Câmara. Ao descobrir a fuga dos amantes, o seringueiro traído resolve ir à procura dos dois, inicialmente para vingar-se do falso amigo, mas, ao vê-los juntos:

Aproxima-se deles. Vai direto à mulher. Abraça-se com ela, suplica-lhe que volte, que não deixe as crianças sozinhas. Diante dela, desmoronam-se os projetos de vingança. Desanda a chorar. Choro que vem de dentro, do cansaço, da falta que lhe faz Lina. Choro convulso. Desesperado (FERRANTE, 2007, p. 80).

Entretanto a esposa de Pedro Câmara reage avessa aos seus apelos e decide seguir em companhia do amante, que, logo após, o assassina. Chico Xavier tenta fugir após o crime, porém é capturado por Raimundão (seringueiro), que o leva à presença do coronel, lei maior do seringal, o qual lhe informa que o infrator será entregue às autoridades. Tal atitude causa revolta entre os seringueiros, visto que pretendiam fazer justiça “com as próprias mãos”; e assim é feito: Chico Xavier é assassinado por um dos seringueiros. O coronel, ao refletir sobre o ocorrido, com o intuito de dar uma resolução ao caso, “sente-se indeciso. Já perdeu dois homens, pensa. Mais um na cadeia, serão três. Fregueses bons que não se encontram a toda hora” (FERRANTE, 2007, p. 84). Assim nada ocorre com o seringueiro que assassinou Chico Xavier, e a vida que segue no seringal.

Todo esse ambiente hostil que permeava o seringal causou grande perturbação a Toinho, que já não conseguia ter noites tranquilas, quando se lembrava da morte do pai, do estupro de Paula, dos assassinatos no seringal e dos desmandos e injustiças do coronel – tudo ali tão próximo a ele. Essas situações o levaram a um grande estresse, que por fim ocasionou a tentativa contra a vida daquele homem a quem temeu desde sempre, o coronel Fábio.

Fábio Alencar virou a cadeira giratória em que estava sentado e encarou-o com um riso amplo. Tinha uma expressão repousada de tranquila segurança, o olhar firme e

dominador. Toinho sentiu-se de chofre, arrebatado diante daquele olhar. Parecia verrumar-lhe a alma, arrastando-lhe pelos labirintos da aflição. Foi-se apossando daquele medo telúrico, incoercível e inexplicável. [...] Era como se estivesse sendo erguido no ar, estrangulado pela angústia, o coração a bater desordenadamente no peito. [...] via as palavras se desenharem nos lábios sorridentes do padrinho, mas não lhe escutava a voz. Só o riso dele flutuava por entre a névoa que lhe toldava os olhos desvairados. E o riso foi crescendo, até espocar numa gargalhada colossal, feia, dura, rolando implacável sobre ele. (...) quis correr, libertar-se, ganhar as ruas inominadas da cidade, fugir para a vastidão do mar feito dos olhos verdes de Paula. Mas aquela coisa monstruosa o impedia, debruçada sobre ele, triturando-o, esmagando-o contra a terra obscura.... Na desesperação do medo, ergueu a arma e atirou (FERRANTE, 2007, p.159).

Outras personagens destacadas são: Mané Lopes (seringueiro experiente), Margarida (esposa de Mané Lopes e parteira das mulheres do seringal), Padre José, Amâncio, Aldemar e Raimundão (seringueiros) – todos figuras típicas encontradas nos seringais e que representam as histórias de vida no Ciclo da Borracha na Amazônia.

2.4. Algumas personagens ficcionais, criadas a partir das obras *Terra Caída* e *Seringal*, retratadas em *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*

Nas sequências reproduzidas na tabela abaixo, apresentamos algumas personagens selecionadas que são oriundas dos romances, nos quais a autora baseou-se para criar as narrativas ficcionais dos seringais – *Terra Caída* e *Seringal*. O intuito aqui é mostrar as conjunções (semelhanças e proximidades) e disjunções (afastamentos) na transposição dessas personagens para a teledramaturgia. Assim, mostraremos quais personagens permaneceram inalteradas (no que diz respeito ao enredo proposto pelo romance) quando migradas para a teledramaturgia, e quais traços nos fazem reconhecê-las e identificar uma obra na outra. Do mesmo modo nos interessam as personagens que tiveram disjunções significativas, uma vez que permitem compreender o exercício da criação ficcional.

Para melhor entendimento da tabela, na primeira coluna colocamos o livro em que a personagem aparece, seguido pelo nome em que ela recebe lá, pois algumas personagens dos romances receberam novos nomes na minissérie, todavia mantiveram as peculiaridades iniciais daquelas apresentadas nos livros.

A autora uniu em um mesmo universo ficcional personagens na minissérie que no livro não possuíam relação, que não se conheciam ou, ainda, criou personagens que não existiram no romance e os relacionou na minissérie.

Ao fim da tabela tecemos alguns comentários sobre as personagens em destaques relacionando os fatos apresentados no romance aos fatos representados pela teledramaturgia.

		<i>Amazônia, de Galvez a Chico Mendes</i>
<i>Terra Caída</i> (2007), de José Potyguara	1. Chico Bento	Bastião
	2. Coronel Tonico Monteiro	Coronel Firmino/ Coronel Augusto
	3. Laura (esposa do coronel Tonico)	Júlia (esposa do coronel Firmino)
	4. Anália (amante do coronel)	Anália
	5. Rosinha	Delzúfte
	6. Tibertino	Tibertino
<i>Seringal</i> (2007), de Miguel Ferrante	7. Toinho	Toinho
	8. Pedro Câmara	Cesarino
	9. Lina (esposa de Cesarino)	Belinha
	10. Chico Xavier (amante de Lina)	Romildo
	11. Paula	Ritinha

Título: Tabela comparativa entre a minissérie e os romances que a originaram
Fonte: a pesquisadora

Na linha 1, referente à personagem Chico Bento, na minissérie denominada de Bastião, notamos que a autora segue as principais características da personagem apresentada por Potyguara, em *Terra Caída*. Um migrante nordestino, muito trabalhador, que vai para o Acre em busca de melhores oportunidades de vida, juntamente com a família. Como tantos outros, acreditava que poderia enriquecer, assim chega ao seringal iludido com a promessa de enriquecimento que lhe foi proposta no Ceará quando lhe foi oferecido trabalho nos seringais amazônicos:

Apareceu por lá um paroxa contratando homens para os seringais. Bem vestido e muito conversador, contava grandes vantagens da terra da borracha. Com a fome e a necessidade aumentando a cada dia, ninguém era idiota para continuar ali, esperando a morte. Preferível ir embora, aventurar-se por aí, ao deus-dará, contanto que escapasse! (Potyguara, 2007, p. 12).

Chico Bento é a personagem que melhor descreve o típico seringueiro nordestino, homem trabalhador, forte e corajoso, que busca meios de sobrevivência e melhor condição de vida para a família em uma terra desconhecida, a Amazônia. A personagem é descrita por Potyguara (2007, p.14) como “grande de coração tanto quanto de estatura; generoso, mas estourado por natureza”.

Há um episódio bem marcante no que diz respeito à trajetória desta personagem – a morte de seu filho caçula, levado por uma onça. A minissérie reproduziu a cena integral, com a mesma riqueza de detalhes apresentada no romance.

Chico Bento avista a mulher na curva da estrada, correndo ao seu encontro. Desgrenhada e descalça, o olhar alucinado traduzindo toda a sua angústia, abraça-se ao marido num pranto convulso. Arfando de cansaço, quase não pode falar. Atrás dela, Maria do Carmo, muito pálida, tem no rosto estampados o pavor e o desespero. [...]

Posto o almoço ao fogo, a mulher foi para o igarapé lavar uma trouxa de roupa, deixando a filha mais velha em casa, para vigiar as panelas e tomar conta do irmãozinho, já com oito meses. Vendo o pote vazio e necessitando de água para o gasto da cozinha, Maria do Carmo foi buscar no igarapé, deixando o menino sentado na paxiúba. Pouco demorou. Enquanto enchia a cabaça, ouviu o choro do irmão. Voltou às pressas e, chegando ao terreiro, avistou uma onça que saía da barraca, levando presa entre os dentes a criança, que ainda esperneava. Imediatamente gritou pela mãe, e ambas, armadas de paus, tentaram tomar o menino. A fera rosnou, ameaçadora, e embrenhou-se na mata. (POTYGUARA, 2007, p. 51)

Abaixo, Chico Bento/ Bastião, representado pela teledramaturgia.



Figura 7: Bastião, interpretado pelo ator Jackson Antunes
Fonte: www.globo.com

Na linha 2, temos o coronel Tônico Monteiro, nome dado no livro. Na minissérie essa personagem é desdobrada em duas: na primeira fase Coronel Firmino; na segunda fase Coronel Augusto (filho de Firmino). Concluímos que as duas personagens evidenciadas na teledramaturgia tratam da mesma apresentada no romance, pelo fato de que ambas carregam

traços característicos da personagem de Potyguara, talvez até como uma forma de a autora mostrar que os chamados *coronéis de barranco* eram iguais no que tange à personalidade, modos, forma de vida, tendo em vista que, mesmo sendo duas personagens (na minissérie), as duas agem, basicamente, de forma igual: são rudes no trato com seus subordinados, mantêm relacionamentos fora do casamento, além de ostentarem um poderio típico de seringalista; comandam a vida de seus subordinados, influenciando até em suas decisões mais íntimas.

Outro traço que identifica Firmino e Augusto como uma mesma personagem, coronel Tônico, é a sua relação extraconjugal com a personagem Anália (nome recebido no livro) e que na minissérie é retratada, porém já na segunda fase da minissérie, quando, decorridos alguns anos, o coronel do seringal passa a ser Augusto, filho do coronel Firmino. Vejamos a seguir uma frase característica do coronel Tônico, que aparece logo no primeiro capítulo da minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, proferida pelo então coronel Firmino e que descreve um pouco da personalidade dessa personagem: “No meu seringal, quem manda sou eu. Eu só! Aqui, sou delegado, juiz, rei, papa, o diabo! Ninguém se meta a besta! Quem faz a lei sou eu; e a lei, aqui, é bala!” (POTYGUARA, 2007, p.28); já no romance é descrito como:

Homem trabalhador, de grande coragem e maior ambição. [...]. **Audacioso e sem escrúpulos.** [...]. Embora um tanto exagerado, por vaidade ou para intimidar, a verdade é que, dentro do imenso seringal, **ele é temido. Tudo resolve e decide arbitrariamente,** mesmo porque autoridade de fato só existe na sede da comarca, distante dali quatro dias de rio abaixo (POTYGUARA, 2007, p.27-28 – grifo nosso).

Abaixo, os coronéis Firmino e Augusto (Tônico Monteiro) representados pela teledramaturgia.



Figura 8: À esquerda coronel Firmino, vivido pelo ator José de Abreu; à direita coronel Augusto interpretado por Humberto Martins

Fonte: www.amazonia.globo.com

Na linha 3, temos a personagem Laura, esposa do coronel Tônico Monteiro, no romance, e como Júlia, nome recebido na minissérie. No romance a esposa do coronel é descrita como “bonitinha e namoradeira, em pleno viço dos dezenove anos” (POTYGUARA, 2007, p. 28). Porém, na minissérie, a personagem é representada por uma senhora, por volta dos cinquenta anos. A personagem apresentada na minissérie difere um pouco da demonstrada no livro. Isso porque no romance é explícito que Laura não nutre nenhum sentimento pelo coronel Tônico, casou-se por interesse; já na teledramaturgia, Júlia é apaixonada por seu esposo, porém, tal qual a personagem do romance, não suporta sequer a ideia de morar no seringal, longe do ambiente urbano que tanto preza. No romance, Laura é caracterizada como uma moça “festeira”, acostumada a frequentar os bailes e os outros divertimentos da cidade grande, que não se conformava em morar no seringal, longe da família e dos amigos e, por essa razão, ficava sempre triste quando estava no seringal, porém, na cidade, se transformava em outra mulher: “bem-humorada e muito comunicativa”.

[...] Dona Laura continuou na mesma: triste, caprichosa, inconformada em morar naqueles barrancos sem distração.

– Que quer você que eu faça? Que imite essa gente daqui? Essas desgraçadas mulheres, contentes em comer, dormir, ter filhos e nada mais? Não! Eu não nasci só *pra* isso! Quero viver! Filho, já tive um; e basta! Não sou seringueira, que vocês ferem todo dia, tiram-lhe o leite, e as pobres árvores nem se queixam! (POTYGUARA, 2007, p. 29).

Na minissérie temos o diálogo, descrito acima, proferido pela esposa do coronel:

Eu não vou aguentar dois meses no meio do mato. Eu não nasci para a vida de seringal. Não sei viver isolada, trancada dentro de casa sem ver gente, sem ter uma distração. Esse é o teu mundo, não é o meu. [...]. Eu fico doida se tu me obrigares a me meter em seringal. Eu tenho pavor da vida selvagem (AMAZÔNIA, 2007, DVD1).



Figura 9: Júlia, vivida pela atriz Malu Valle
Fonte: www.amazonia.globo.com

Na linha 4, temos Anália, que na minissérie manteve o mesmo nome e os mesmos traços característicos no que tange ao comportamento e à personalidade descritos no romance. Aparece na segunda fase da narrativa, como amante do coronel Augusto (no romance, coronel Tônico Monteiro). Casada, mantém um relacionamento com o coronel, com o consentimento do marido, que se aproveita do caso amoroso da esposa para conseguir vantagens dentro do seringal: “Tão feliz quanto os dois, vive agora Tiburtino, com o ordenado aumentando e o prestígio subindo a ponto de passar a fiel da chave do armazém, dantes confiada ao guardalivros” (POTYGUARA, 2007, p. 44). É retratada como uma mulher bonita e sensual que desperta o interesse e desejo do coronel que a prefere à sua doce e recatada esposa. É caracterizada como “morena, forte e bonita – beleza cigana, de olhos tentadores e carnção sensual” (POTYGUARA, 2007, p. 31). Anália exerce domínio sobre o marido, “a quem trata como animal útil à sua incontrolável sensualidade” (POTYGUARA, 2007, p.31).

Abaixo, a personagem Anália representada pela teledramaturgia.



*Figura 10: Anália, interpretada pela atriz Leticia Spiller
Fonte: www.amazonia.globo.com*

Na linha 5, temos a personagem Tiburtino, a qual na minissérie manteve o mesmo nome recebido no romance. É caracterizado como um homem de “caráter fraco, sem opinião própria, a fim de estar sempre de acordo com a alheia” (POTYGUARA, 2007, p.31). Esposo de Anália, por quem é manipulado para fazer sempre as suas vontades. No seringal exerce a função de chefe do armazém, cargo que alcançou devido à “sabujice e a credencial de ser marido de Anália” (Potyguara, 2007, p.31). Tem conhecimento do caso extraconjugal entre sua esposa e o coronel, porém finge não saber a fim de conseguir vantagens no seringal.

Abaixo, a personagem Tiburtino representada pela teledramaturgia.



*Figura 11: Tiburtino, representado pelo ator Ernani Moraes
Fonte: Memória Globo*

Na linha 6, encontramos a personagem Rosinha – Delzuíte, na minissérie –, filha de seringueiro, moça bonita que causa furor entre os homens do seringal devido à sua beleza. Na minissérie é filha de Sebastião (Chico Bento – no romance). No livro, no decorrer do tempo, se torna prostituta no seringal. Na minissérie, após uma desilusão amorosa pelo filho do coronel, foge para a cidade na tentativa de encontrá-lo, porém, após a negativa do rapaz, torna-se prostituta em um famoso cabaré de Manaus.

Com essa personagem a autora aproveitou para apresentar o misticismo amazônico por meio de uma das mais famosas lendas da Região Norte, a lenda do boto. De acordo com Henrique (2009, p. 988), o boto surge dos rios amazônicos em noite de lua cheia. Dotado de um poder *sui generis*, consegue transformar-se em um lindo e atraente jovem, trajado de roupas brancas, usando um chapéu branco para disfarçar o orifício que possui no alto da cabeça para respirar. Esse elegante e sedutor jovem atrai a mais bela moça desacompanhada que cruzar o seu caminho e, em seguida, a leva até o fundo do rio, onde a engravida e logo após a abandona.

A personagem Delzuíte, após ser abandonada grávida por seu amado, e com vistas a justificar a gravidez ao pai, um homem rigoroso, diz que o filho é do boto:

[...]. Foi boto! Foi o boto! Eu vi... Era noite de lua cheia eu ‘tava’ quieta assim, olhando o rio, como eu gosto de ficar, de repente escuto aquele barulho de pisada, eu me virei. Era ele! Meu olho ficou preso, que queria desgrudar e não desgrudava. Só lembro que ele riu. Não vi mais nada. (AMAZÔNIA, 2007, DVD 2)

Abaixo, a personagem Rosinha/Delzuíte representada na teledramaturgia.



Figura 12: Delzuíte, interpretada pela atriz Giovanna Antonelli
Fonte: www.memoriaglobo.globo.com

Na linha 7, temos a personagem Toinho. Na minissérie não houve modificação em seu nome. Toinho é filho de um seringueiro que morre em decorrência de um acidente de trabalho no seringal. Após o ocorrido, o menino é levado à presença do coronel, que determina que o pequeno permaneça no seringal até completar a “maioridade”, quando terá uma colocação para tomar conta e ingressar no ofício de seringueiro.

Na minissérie, assim como no romance, Toinho é levado ao seringal após a morte de seu pai. No livro *Seringal*, logo nas primeiras linhas, temos a apresentação de Toinho para o leitor; “Toinho é ‘cria’ do ‘Santa Rita’” (FERRANTE, 2007, p. 17) para demonstrar que ele crescera ali, naquele seringal. Em *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, encontramos essa mesma frase pronunciada por umas das empregadas do coronel, mas desta vez para expressar que ele é um criado (serviçal) do barracão (casa do seringalista). No romance, a personagem chega ao seringal ainda menino; já na minissérie, chega adolescente, entre 15 e 16 anos de idade.

Abaixo, a personagem Toinho representada pela teledramaturgia.



Figura 13: Toinho, interpretado pelo ator André Arteche
Fonte: www.amazonia.globo.com

Na linha 8, temos a personagem Pedro Câmara, que, na minissérie, recebe o nome de Cesarino. Vive um triângulo amoroso com Lina e Chico Xavier (na minissérie, recebem os

nomes de Belinha e Romildo, respectivamente). No romance é assassinado pelo amante da esposa, ao descobrir a fuga dos amantes. Já na minissérie, diferentemente da narrativa literária, é mostrada a morte de Cesarino/Pedro Câmara sendo arquitetada pelo casal de amantes:

Belinha: – Seria bom se Cesarino morresse, aí, ao invés de meeiro, *tu passava* a ser o dono da colocação.

Romildo: – Não vejo *ele* nem ficar doente.

Belinha: – *Tem* tanto jeito de morrer. Não é só de doença, não! (AMAZÔNIA, 2007, DVD5).

E em outro diálogo:

Romildo: – Hoje *tu amanheceu* casada e vai anoitecer viúva.

Belinha: – Vou, é?

Romildo: – Vou botar a armadilha de paca bem na boca da estrada de Cesarino; que ele pisar no cipó, a espingarda dispara, aí pronto. Fico dono da colocação e da viúva, também.

Porém, na minissérie, Cesarino teve um fim diferente do romance, uma vez que Romildo caiu na própria armadilha e faleceu no mesmo instante.

Abaixo, a personagem Cesarino representada pela teledramaturgia.



Figura 14: Cesarino, interpretado pelo ator Beto Quirino
Fonte: www.amazonia.globo.com

Na linha 9, a personagem Lina, na minissérie Belinha. Casada com Cesarino e amante de Romildo, planeja fugir com o amante, contudo seus planos são frustrados em ambas as narrativas: no romance, é impedida pelo marido, que acaba sendo assassinado pelo amante; já na minissérie, o fim trágico é destinado ao amante.

Abaixo, a personagem Lina representada pela teledramaturgia.



Figura 15: Lina, interpretada pela atriz Fernanda Paes Leme
Fonte: www.amazonia.globo.com

Na linha 10, temos Chico Xavier, na minissérie Romildo. Trabalha como ajudante de Pedro Câmara/Cesarino e mantém um relacionamento com sua esposa. No romance assassina seu rival e é assassinado em seguida por um dos seringueiros que vingam a morte do amigo, todavia, na minissérie, tem um fim trágico: morre vítima de sua própria armadilha.

Abaixo, a personagem Romildo/Chico Xavier representada pela teledramaturgia.

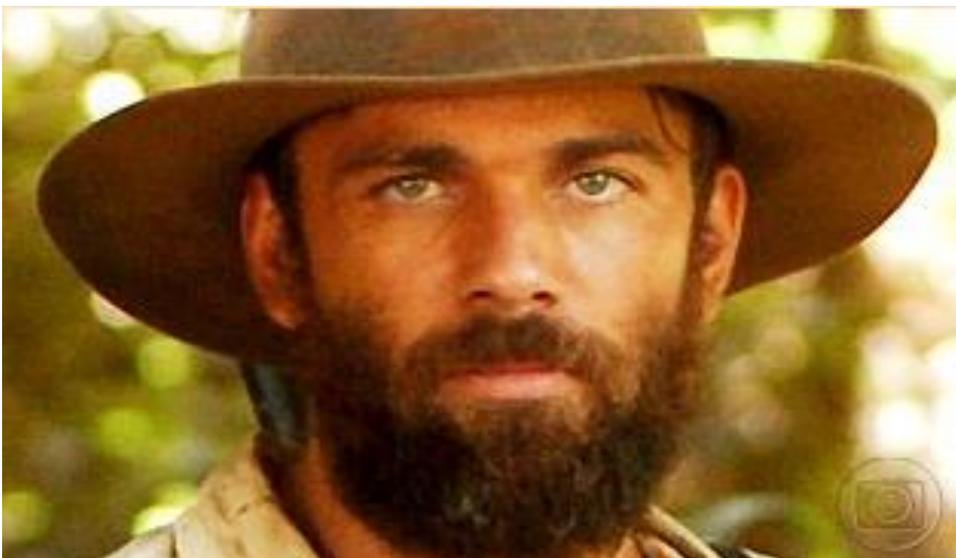


Figura 16: Romildo, interpretado pelo ator Marcelo Faria
Fonte: www.amazonia.globo.com

Na linha 11, temos a personagem Paula, que na minissérie recebe o nome de Ritinha. No romance é amiga de Toinho, por quem é apaixonada. Na narrativa da teledramaturgia também é amiga de Toinho, com o qual mantém um relacionamento inocente. Planejam um dia sair do seringal e ir morar na cidade. Assim como no romance, é estuprada pelo afilhado do coronel, todavia, diferentemente do romance, em que fica deprimida e inerte após o acontecimento, na minissérie, acaba engravidando de seu agressor. Forçada a abortar a criança, acaba fugindo e dá à luz dentro de uma canoa, no meio do rio.

Abaixo, a personagem Ritinha representada pela teledramaturgia.



Figura 17: Ritinha, vivida pela atriz Brendha Haddad
Fonte: www.globo.com

A minissérie mergulhou no mundo das personagens ficcionais construídas pelos autores José Potyguara e Miguel Ferrante, buscando um elo entre a Amazônia e as personagens oriundas do Nordeste. A personagem Chico Bento, na minissérie Bastião, por exemplo, é a que melhor representa a trajetória dos seringueiros na Amazônia. Chega ao seringal cheio de sonhos de prosperidade, vê sua família aos poucos esvair-se em meio à selva amazônica, como no episódio em que seu filho é devorado por uma onça, retratado no romance e ricamente representado pela teledramaturgia. Muito bem desenhadas também foram as personagens Firmino e Augusto, coronéis do seringal. A autora desdobrou uma personagem em duas, fazendo um retrato do que foi o coronelismo na Região Norte. Já por

meio da personagem Delzuíte, apresentou o universo amazônico com suas lendas e misticismos, por meio da lenda do boto. Outra personagem que ganhou ênfase foi Ritinha, oriunda do romance *Seringal*. Foi uma personagem que participou das três fases da minissérie, e em ambas recebeu o mesmo nome. Para cada fase, um enredo diferente; assim caminhou do período áureo ao da derrocada do látex.

3 CHICO MENDES: A CONSTRUÇÃO FICCIONAL DE UMA FIGURA HISTÓRICA

Neste capítulo estudaremos como se deu a construção ficcional de uma personagem histórica: Chico Mendes, na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*. Para isso utilizamos o livro *O empate contra Chico Mendes* (1990), no afã de apresentar o homem histórico Chico Mendes; já a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007) e o filme *Amazônia em Chamas* (1994), de John Frankenheimer, para retratar a personagem construída pela ficção.

3.1 Chico Mendes histórico

Francisco Alves Mendes da Silva – Chico Mendes – nasceu em 15 de dezembro de 1944, na cidade acreana de Xapuri. Desde que nascera, já fora inserido no mundo da borracha. Seu pai foi um dos tantos migrantes cearenses que rumou para a Amazônia em busca de melhores condições de vida para si e sua família. Exerceu profissão de seringueiro, ocupação que aprendeu com seu pai na infância. Lutou pela causa seringueira e logo percebeu que a sua causa era ainda maior: não se tratava apenas de uma causa trabalhista: era a luta em defesa da floresta amazônica; e foi com essa causa que ganhou destaque mundial. Destacou-se também como sindicalista e ativista político comprometido com questões relacionadas à preservação da floresta amazônica.

Por sua luta em defesa dos seringueiros, ganhou reconhecimento internacional, mas também despertou a ira de grandes fazendeiros que exploravam as terras com o objetivo de fazer pastos para criação de gado em terras amazônicas.

Enfrentando corajosamente os fazendeiros, defendia a posse das terras pelos habitantes nativos. De acordo com Souza (1990), Chico Mendes ajudou a fundar, no ano de 1977, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Na militância política, foi eleito vereador pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). E em 1980 participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, tornando-se um dos mais proeminentes representantes desse partido no Acre. No ano seguinte, assumiu o comando do Sindicato de Xapuri, tendo-o presidido até o dia do seu assassinato.

Antes de ser assassinado, ele recebeu várias ameaças de morte por parte dos fazendeiros, que se sentiam prejudicados em seus negócios pela atuação do ambientalista e pelas técnicas de empate, as quais recebiam apoio das comunidades, cujas campanhas preservacionistas já eram conhecidas nacional e internacionalmente. Por conta desses

acirramentos, foi enquadrado pela “Lei de Segurança Nacional”, uma insensatez política que demonstrava dois mundos desconexos presentes na Amazônia, estando de um lado os grandes proprietários de terra, com a anuência do Estado, que tinham o desejo de lucrar derrubando a floresta; e do outro lado as comunidades que dependiam da floresta para seu sustento e não desejavam perder seus sonhos, suas casas. Acusado de subversão, Chico Mendes foi preso e torturado na prisão. Frutos de sua luta, foram implantadas algumas reservas extrativistas do Estado do Acre. Participou de seminários, palestras e congressos onde denunciava as intimidações que os seringueiros estavam sofrendo. Após a desapropriação do Seringal Cachoeira, de Darly Alves da Silva, agravaram-se as ameaças de morte contra Chico Mendes, que, por várias vezes, foi a público denunciar seus intimidadores. Ele deixou claro às autoridades policiais e governamentais que estava correndo risco de morte e que precisava de proteção, mas seus alertas foram minimizados pela imprensa. De acordo com Ventura (2003, p. 39), “o assassinato de Chico Mendes tem uma originalidade. Poucas vezes uma vítima deixou um roteiro de investigação tão completo para a polícia”. Isso porque Chico Mendes sabia quem eram seus intimidadores e por diversas vezes os denunciou às autoridades locais, que nada podiam fazer tendo em vista que seus antagonistas eram bem relacionados com os poderosos do local, e em consequência disso as queixas contra eles eram sempre engavetadas. Sem sucesso, buscou a imprensa local, porém suas acusações não receberam nenhuma atenção.

Chico Mendes foi assassinado nas proximidades do natal de 1988, de forma sorrateira e covarde, típico de seus antagonistas, mais precisamente no dia 22 de dezembro, aos 44 anos. Quando saía de sua casa, pela porta dos fundos, para tomar banho, foi atingido no peito por tiros de escopeta e caiu morto ali mesmo. Os acusados pelo assassinato foram os fazendeiros Darly Alves e seu filho Darci Alves. Segundo Freire (2006), a morte do ambientalista despertou o interesse mundial pela causa dos seringueiros devido, em parte, à cobertura do assassinato pela mídia internacional. A Reserva Extrativista Chico Mendes foi criada na área onde ele morava. O legado deixado por esse líder seringueiro que ousou desafiar o poderio dos grandes latifundiários está presente nas memórias daqueles que moram na região e retratados na literatura nacional e internacional. Afinal, um homem simples, com atitudes criativas e pacíficas, sem armas, ousou enfrentar pessoas influentes utilizando o único meio de que dispunha, sua vida. Se a população amazônica possui parte da floresta preservada, deve-se à sua atitude corajosa diante de jagunços e policiais armados do Acre, que tentavam a todo custo impedir a atuação pacífica dos seringueiros.

3.2 Chico Mendes: cronologia de uma luta

Aqui destacamos a cronologia de uma luta travada por um idealista que morreu por buscar justiça social aos seus e por dar voz àqueles que sempre foram silenciados pelos governantes conectados com um desenvolvimento excludente.

Antes de tudo é interessante frisar que Chico Mendes foi alfabetizado aos 18 anos de idade, o que, quando contextualizado com a situação de abandono em que viveram e ainda vivem as pessoas que moram em áreas mais afastadas na Amazônia, é fato corriqueiro, uma vez que a região carece de políticas públicas. As informações apresentadas foram extraídas do livro *Chico Mendes – um povo da floresta* (1998), de Edilson Martins.

1975 – Chico Mendes funda o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia juntamente com outros amigos, que o elegem secretário-geral. É a partir da fundação do sindicato que Chico dará voz àquela parcela da população que tem seus direitos fundamentais negados.

1976 – Passa a utilizar a tática de empates com a finalidade de impedir a derrubada de árvores e o desmatamento de grandes áreas por parte dos seringueiros, o que se mostrou eficaz para impedir o desflorestamento de extensas regiões. De acordo com o dicionário *Aurélio* (2010, p.116) “empatar” significa: “Causar empate a; tornar indeciso; igualar (coisas, de uma das quais depende decisão); embaraçar; colocar na situação de não dar lucro imediato; ficar empatado; topar, empeçar”. No falar amazônico e no contexto em que é utilizado por Chico Mendes, o “empate” está relacionado a impedimento.

Quanto à estratégia de impedimento de derrubada de árvores por meio dos famosos “empates” na união de homens e mulheres de mãos dadas ao redor das árvores, era uma luta sem armas, e por essa razão os peões nada podiam fazer senão desistir da derrubada. Além disso, deixava uma mensagem de alerta para aqueles que tentavam desmatar a floresta, pois, nas suas atitudes de empatar, compartilhavam a ideia de que estariam dispostos a sacrificar suas vidas para impedir a exploração das árvores, algo incomum no combate ao desmatamento.

1977 – Chico Mendes continua sua luta à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, em prol dos seringueiros e, nesse mesmo ano, elege-se vereador pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro), graças a suas ações de combate aos grandes latifundiários da região. Sua presença é cada vez menos tolerada por poderosos do lugar, que veem seus investimentos sendo frustrados pelas ações dos seringueiros. É também nesse ano

que o sindicalista e então vereador passa a receber as primeiras ameaças de morte. Um plano para eliminar sua presença começa a se tornar mais real.

1980 – É enquadrado na Lei de Segurança Nacional juntamente com outros políticos, dentre eles Lula, por subversão. Cabe lembrar que essa acusação de “subversão” foi uma forma encontrada para impedi-lo de continuar a lutar por suas causas.

1981 – Assume a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, que presidiu até a sua morte em 1988.

1985 – Organiza o 1.º Encontro Nacional dos Seringueiros, e é a partir daí que sua luta passa a ganhar contornos maiores, uma vez que ficou conhecida nacional e internacionalmente, com uma proposta de “União dos Povos da Floresta”, na qual propunha que seringueiros e índios se integrassem em prol de um único objetivo: a defesa da floresta, com a criação de reservas extrativistas e a reforma agrária para impedir que os seringueiros continuassem a ser expulsos de suas próprias terras.

De acordo com Martins (1998), havia uma rivalidade entre seringueiros e índios. E tratava-se de um conflito antigo, visto que, quando os seringueiros adentraram a Amazônia, foram algozes dos povos indígenas “evidentemente induzidos pelos seringalistas, os grandes proprietários, patrocinados por grupos internacionais interessados na extração da borracha a qualquer preço” (MARTINS, 1998, p.14), fato que foi revertido 150 anos depois, a partir da aliança entre seringueiros e índios com vistas a proteger a floresta, que deu origem ao projeto “União dos Povos da Floresta”, viabilizado por Chico Mendes.

1987 – Foi no mês de março que, após toda a repercussão que ganhara em torno da causa ambiental, Chico Mendes viajou para Miami, sua primeira viagem internacional, quando discursou na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pediu o fim do financiamento para construção da BR-364, que atravessaria Rondônia até o Acre. Para ele, a construção da estrada potencializaria o desmatamento da região e traria grandes prejuízos aos moradores locais.

1988 – No dia 22 de dezembro desse ano Chico Mendes foi assassinado nas dependências de sua casa em Xapuri, após inúmeras denúncias sobre a premeditação de sua morte, denúncias essas que não surtiram efeito, uma vez que tanto a polícia quanto a imprensa não deram importância às ameaças de morte que ele vinha sofrendo havia anos.

3.3 A luta em defesa da floresta

Chico Mendes representou a luta em defesa da floresta, militando sobre a questão da posse de terras pelos nativos da região. Além disso, foi visionário na questão ambiental na Amazônia. Enquanto o mundo discutia e implementava políticas de preservação ambiental, no Brasil, essa questão era tratada de forma velada, pois não se viam discussões sobre a manutenção das florestas. As primeiras iniciativas de combate à derrubada das florestas partiram de Xapuri, no Acre, com o Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros, que tinha o objetivo de conscientizar a sociedade a melhorar a relação com o meio ambiente e assim atender às necessidades da população presente sem comprometer as gerações futuras, unindo seringueiros e índios em prol de uma mesma meta: a preservação da floresta.

Visionário como era, Chico percebeu que o desmatamento da floresta teria consequências inimagináveis para as populações que habitavam o lugar, e representava retroagir, desconectado com a realidade mundial, que buscava a todo custo preservar os recursos naturais. A preservação da floresta representava para os seringueiros um desenvolvimento com liberdade de escolha, de poder evitar injustiças sociais e abusos, assumindo assim a responsabilidade do desenvolvimento e da mudança no mundo em que viviam; neste caso, no interior da floresta amazônica.

3.4 Chico Mendes ficcional: a narrativa televisiva

O termo “personagem” advém do latim, *persona*, máscara que o ator utilizava na representação teatral das tragédias ou comédias. Conforme Walty (1999), a palavra *personagem* tem relação com a representação. Sendo assim, por meio da personagem, podemos conhecer outras sociedades, bem como as pessoas que fizeram parte dela, por meio da representação.

De acordo com Pallotini (2015, p.15) “personagem seria, isso sim, a imitação e, portanto, a recriação dos traços fundamentais de pessoa ou pessoas – traços selecionados pelo poeta segundo seus próprios critérios”.

Para dar vida a uma personagem histórica, alguém que de fato existiu, faz-se necessário uma pesquisa abrangente abordando alguns critérios, por exemplo, saber como essa pessoa viveu, seus costumes, modos e gestos, enfim, rastros históricos, com a finalidade de torná-lo o mais próximo da realidade possível, para que, dessa forma, haja uma reconstituição dessa pessoa histórica, visto que a personagem ficcional, na teledramaturgia, só passa a existir quando é representada por um ator.

Para Brandão (1989, p.5),

A personagem é a invenção da pessoa humana dentro das narrativas de ficção. Invenção porque não são pessoas existentes de carne e osso, mas produtos da imaginação e da linguagem que imitam seres humanos. Dentro dessa imitação procuram seguir modelos da realidade (personagens realistas), de nossos sonhos e desejos (personagens românticas), ou de nossas fantasias (personagens fantásticas) e tantos outros caminhos. Aos poucos, na evolução das formas narrativas, a personagem vai-se distanciando desses modelos da imitação permanentemente reprodutiva para libertar-se como linguagem.

Nas novelas e nos romances, as personagens tendem a confundir-se com pessoas reais, principalmente quando os atores interpretam personalidades históricas. Uma das maneiras de se compreender a construção das personagens das narrativas baseadas na História é seguindo os rastros históricos deixados por essas personalidades, o que pode ser feito verificando o que a História tem a dizer sobre essas pessoas. Dessa forma, o Chico Mendes ficcional, da minissérie *Amazônia – de Galvez a Chico Mendes*, foi construído por meio de pesquisas historiográficas sobre a vida do sindicalista e líder seringueiro. Quanto ao ator escolhido para encarnar essa personalidade histórica, optou-se por alguém que se assemelhasse a ele fisicamente. Por isso foi interpretado pelo ator Cássio Gabus Mendes, que recorda bastante o Chico Mendes real. Quanto à constituição psicológica da personagem, o ator revelou em entrevista para o *Jornal O Globo*, em abril de 2007, que estudou algumas peculiaridades acerca de Chico Mendes para construir a sua personagem, buscando traços que permitissem uma interpretação verossímil:

Eu não quis fazer uma caricatura. A intenção não era essa, porque a história e o ambiente são mais fortes do que qualquer caricatura. Evidentemente existe uma **semelhança física** por causa do **cabelo e do bigode**. Eu pude identificar um **jeito de andar, uma velocidade de falar e seus trejeitos**, além de ter **engordado, buscando essa semelhança física. (grifo nosso)**.

Representar uma personagem histórica requer uma maior atenção do ator, pois, diferentemente de uma personagem que vive apenas na ficção, a personagem histórica já é conhecida do telespectador. De acordo com Cândido *et al* (2011), “a personagem de ficção cinematográfica, por mais forte que sejam suas raízes na realidade ou em ficções preexistentes, só começa a viver quando encarnada numa pessoa, o ator”. Por sua vez, a pessoa histórica existiu (ou existe) e é conhecida, não necessitando da existência de um ator para isso. Dessa forma, quando um ator interpreta uma personalidade real, é comum que o telespectador faça comparações, busque traços identificativos da personalidade representada

na personagem do mundo ficcional. É importante ressaltar que a personagem da teledramaturgia difere da personagem histórica tendo em vista que a primeira é recriada a partir da imagem que diversos agentes remontam, tais como roteirista, figurinista, diretor, sonoplasta, dentre outros.

Assim, para representar Chico Mendes, o homem histórico, mais do que a recriação da personagem na ficção, fez-se necessária toda uma reconstituição de uma época, a fim de recontar também a história do Acre, a qual se confunde com a trajetória de Chico Mendes, uma história de luta e resistência.

Destacamos aqui alguns elementos narrativos que foram utilizados com vistas à reconstituição da personagem e sua trajetória histórica.

De acordo com Gancho (2002, p. 11)

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são as personagens, num determinado tempo e lugar. Mas, para ser prosa de ficção, é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa.

Focaremos na terceira fase da minissérie, que teve quatro capítulos, e retratou a trajetória de Chico Mendes, sindicalista e líder dos seringueiros.

Quanto aos fatos (enredo), a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007) centra-se na história do Acre focalizando três de seus personagens históricos: Luiz Galvez, Plácido de Castro e Chico Mendes.

A) Personagens: Representando Chico Mendes tivemos o ator Cássio Gabus Mendes, que buscou traços constitutivos do homem histórico com vistas à recriação ficcional do seringalista. Conforme revela em entrevista concedida ao *site* da Rede Globo de Televisão:

Quando um ator é convidado a interpretar um personagem de ficção, ele precisa criar uma personalidade para o papel, estabelecer todo um repertório de gestos e expressões faciais, definir um jeito de falar etc. E quando a personagem em questão é alguém que existiu de verdade? “Nesse caso, o ator tem menos liberdade de criação. O desafio é outro: moldar-se a uma pessoa pré-existente”.

Outras personagens históricas que fizeram parte da história do líder seringueiro são apresentadas, tais como Wilson Pinheiro, amigo de Chico Mendes e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, no Acre; Mary Allegretti, antropóloga e amiga de Chico Mendes, que acompanhou a sua luta de perto e o ajudou na divulgação de sua causa em defesa da floresta, dentre outros. Porém, para contar a história do sindicalista, houve a criação

de personagens do mundo ficcional, ou seja, pessoas que não existiram de fato e não fizeram parte da história de Chico Mendes, como é o caso do seringueiro Bento, que surgiu na primeira fase da minissérie, ainda criança, como um migrante nordestino que chega ao Acre com sua família para fazer a vida nos seringais da Amazônia – na terceira fase ele atuará como um amigo bem próximo de Chico Mendes, que participará do movimento organizado por este em busca de justiça social.

Abaixo, Wilson Pinheiro (histórico) e sua representação na teledramaturgia.

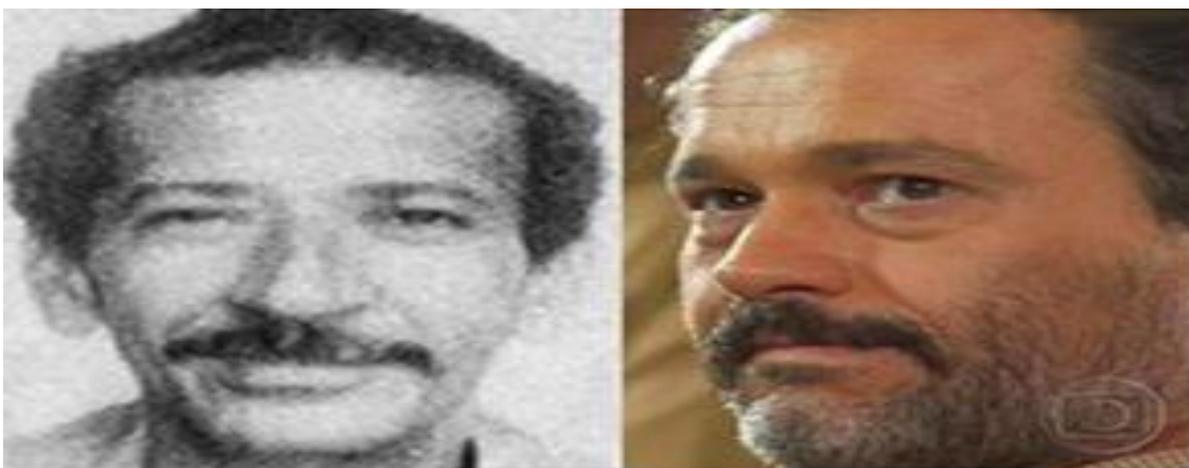


Figura 18: Personagem histórica Wilson de Souza Pinheiro (à esquerda), representado pelo ator Leonardo Medeiros (à direita).

Fonte: globo.com

Abaixo, a personagem Mary Alegretti (histórico) e sua representação na teledramaturgia.



Figura 19: Mary Alegretti (2013, à esquerda), interpretada pela atriz Silvia Buarque (à direita)

Fontes: <https://agroecologia.org.br/2013/01/18/antropologa-parceira-de-chico-mendes-analisa-luta-dos-extrativistas/>

<http://amazonia.globo.com/Series/Amazonia/Personagem/0,,PS1445-8002,00.html>

Ventura (2003), referindo-se à construção da personagem de Mary Alegretti para o cinema, afirmou que ela seria difícil de ser representada em razão de ter uma personalidade forte. De acordo com o autor, ela está longe de ser uma vilã, todavia também está distante de ser apenas uma simples antropóloga. “Mandona, centralizadora, autoritária, as coisas em suas mãos saem como ela quer, mas saem” (VENTURA, 2003, p.87). Fato é que Alegretti foi fundamental na luta de Chico Mendes contra os fazendeiros e grandes latifundiários. Foi ela quem conseguiu todo o suporte financeiro, por exemplo, para a realização do Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros, em 1985.

Abaixo, a personagem Bento em suas três fases representativas: na primeira interpretado pelo ator Thiago Oliveira; na segunda, por Emílio Orciollo Neto; e na terceira, por Lima Duarte.



Figura 20: Personagem ficcional – seringueiro Bento (três fases representativas).
Fonte: amazonia.globo.com

B) Tempo: De acordo com Santos e Oliveira (2001, p.51):

O tempo ficcional não ocorre no âmbito do discurso, mas no plano daquilo que é narrado, ou seja, na história propriamente dita. Esse tempo é, na verdade, a atribuição de uma dimensão temporal aos eventos relacionados, por meio de palavras ou expressões que recorrem, geralmente, ao calendário e ao relógio, tais como “em 1930”, às oito horas da manhã, “naquele inverno”, “durante quarenta minutos”.

Na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, são utilizados os tempos cronológico e psicológico. Temos o tempo cronológico no período que compreende entre os anos de 1899 estendendo-se até 1988. No ano 1899 é retratado o período da chegada dos

seringueiros à Amazônia, mostrando a época áurea da borracha, avança para o período de 1913, representado pela decadência da goma elástica e, mais tarde, para o início da década de 80, remontando a um período de agitação social e econômica (fim do Ciclo da Borracha, discussão acerca da reforma agrária, luta em defesa do meio ambiente) na Amazônia e no Acre. Já o tempo psicológico é retratado em diversas passagens da minissérie por meio de *flashbacks* que proporcionam um retrato de como foi o período de opulência da borracha – tudo isso visto por meio da memória de personagens que viveram àquela época.

C) Espaço: A narrativa ocorre no Acre, em Xapuri (pequeno município do Acre), retratando a vida nos seringais amazônicos; em Manaus, mostrando a vida na capital retratada em lugares como no Teatro Amazonas. Como estratégia de recriação do espaço na minissérie, temos imagens dos locais representados: Acre e Xapuri, fundidas com imagens documentais das cidades naquela época; e Manaus mostrando como era o ambiente urbano daquela época e a vida do coronel da borracha que, via de regra, esbanjava o seu poder econômico na capital.

3.5 Relações entre Literatura e História

A Literatura e a História são campos de conhecimento que dialogam pelo fato de uma utilizar-se da outra com vistas à explicação de algum fenômeno (fato) ou mesmo para fins de entendimento. De acordo com Pesavento (2003, p. 33)

A história tal como a literatura é uma narrativa que constrói o enredo e desvenda uma trama. A história é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo. [...]. Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá nome de imaginário, a literatura e a história teriam seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que têm sempre como referenciar o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo.

Habitualmente recorremos a essas áreas de conhecimento com o objetivo de representar uma realidade. Uma das maiores discussões em torno desse tema é a questão da representação dos fatos retratados por ambas as disciplinas. Enquanto a História conta com documentos oficiais que, teoricamente, atestam a veracidade do discurso histórico, a Literatura não necessita de comprovações para evidenciar os fatos expostos.

De acordo com Grecco (2014), desde a segunda metade do século XIX, quando a História se tornou disciplina acadêmica, o emprego da palavra *fonte* estava fundamentado na ideia de que os documentos utilizados pelo historiador deveriam ser oficiais (como atas públicas, relatórios, correspondência diplomática, decretos, entre outros). Já a Literatura, por

sua vez, dentro dessa perspectiva, era considerada como uma disciplina inferior, uma vez que não dispunha de documentos oficiais que pudessem atestar o seu discurso. Dessa forma a disciplina História era tida como aquela que atestava fatos históricos; e a Literatura, como subjetiva e ficcional.

A discussão entre essas relações de Literatura e História advém da antiguidade, quando Platão no livro *X da República* defende a ideia de que “a imitação poética está afastada das realidades supremas, porque a matéria dos poemas são as aparências de um mundo de aparências”. Platão afirma ainda que “o poeta vive no erro e faz cópia da cópia, a cópia desvirtuada do real” (PLATÃO, 2002, p. 604). Contrariando Platão, Aristóteles assevera que não é encargo do poeta expor a realidade, e sim encenar a possibilidade do acontecimento do que seria possível, verossímil e necessário. Diz ainda que “o historiador e o poeta não diferem por escreverem em verso ou prosa; (...) diferem, sim, em que um diz as coisas que sucederam; e o outro, as coisas que poderiam suceder” (ARISTÓTELES, 1993, p. 50).

Desse modo, temos duas visões antagônicas acerca das relações entre História e Literatura. Enquanto para Platão literatura é imitação e significa distanciamento, falsidade, ilusão, para Aristóteles, imitação é o lugar da verossimilhança, ou seja, da representação de uma realidade.

Conforme Chalhoub & Pereira (1998, p. 6), “para historiadores a literatura é testemunho histórico”, relato de acontecimentos no qual se busca descrever a ação ou das ações elencadas por personagens diversas. Essa possibilidade de uso da Literatura, segundo Silveira (2006), como documento histórico foi possível graças ao debate historiográfico que ocorreu a partir de 1960, problematizando novos temas e objetos, inserindo-os nos campos das paixões e não somente das racionalidades, buscando análises que privilegiavam os sentimentos e as sensibilidades na reconstrução da História.

Cresqui (2009) afirma que a História e a Literatura vivem em uma fronteira imperceptível e, comumente, a cruzam na construção de narrativas, literárias, televisivas e até históricas, sendo estas com características ficcionais ou não. Para alguns historiadores, assim como a ficção pode fazer uso da história na construção de suas narrativas, essa também tem à sua disposição técnicas ficcionais na composição dos textos históricos, o que nos leva a concluir que ambas se complementam em muitos aspectos.

Cresqui (2009) destaca ainda que ficcionistas e historiadores buscam, cada um à sua maneira, fazer manifestação verbal de realidade. Os romancistas fazem uso de técnicas

figurativas para dar sentido à sua representação, tentando aproximar o leitor de uma realidade verossímil e atraente, buscando pontos de empatia com o que se espera da obra.

Para Pesavento (2003, p. 32), “a história e a literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos”. Para a autora, as duas disciplinas, cada uma ao seu modo, têm como referência o real “mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo”.

Para Pinto (2006, p. 219), “a riqueza dos processos sociais e culturais jamais é revelada plenamente quando utilizamos tão somente os métodos e os recursos de uma determinada disciplina”. Ainda de acordo com o autor:

Muitas vezes foi um romancista e mesmo um poeta que conseguiu penetrar com mais profundidade na trama de processos sociais e espirituais de um momento particular da história humana. E muitas vezes acontece de estarmos diante de momentos da sociedade que não foram investigados por sociólogos, antropólogos ou historiadores simplesmente porque essas ciências ainda não estavam constituídas naquela região ou época, mas que foram agudamente percebidos pelo olhar do viajante, do cronista ou do romancista. Dito de outro modo, há nessas obras elementos suficientes de compreensão e de esclarecimento sobre a sociedade e a cultura daquele espaço e tempo (PINTO, 2006, p. 219).

Dessa forma, as relações entre História e Literatura são muito tênues, uma vez que ambas as disciplinas remontam a um tempo histórico, e o entrecruzamento delas possibilita uma leitura mais crítica de qualquer texto, uma vez que proporcionam ao leitor a compreensão, por exemplo, do comportamento da sociedade de uma determinada época, e esse o fará por meio da literatura daquela época, lembrando que parte dos documentos ditos históricos foi escrita por cronistas ou viajantes. Desse modo, a literatura é utilizada como fonte histórica.

3.6 Contraposição entre fatos históricos e ficcionais na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007)

Na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007), temos vários fatos históricos que foram mesclados com ficcionais. A seguir listamos alguns:

A) Viagem de Chico Mendes para Miami, onde discursou na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pediu o fim do financiamento para construção da BR-364, que atravessaria Rondônia até o Acre.

Os olhos atentos, carregando uma maleta de plástico azul, Chico Mendes ia praticamente arrastado pelo fluxo de passageiros que acabavam de desembarcar no aeroporto de Miami. [...] Mas Chico não estava em Miami para cumprir a alegre e dispendiosa rotina da maioria dos turistas brasileiros que ali desembarcam (SOUZA, 1990, p.19).

Chico Mendes viajou para Miami, onde participou da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento, não como alguém que teria voz para decidir alguma coisa em meio a grandes executivos, mas sim com o objetivo de se fazer ouvir, já que no Brasil a mídia não lhe dava ouvidos. Com a ajuda de amigos influentes, foi a Miami e, conforme relata Souza (1990), foi “nos corredores, entre uma reunião e outra, que ele exercitou seu trabalho de convencimento”. Na teledramaturgia temos esse fato representado. A autora nos mostra um momento interessante de quando o líder seringueiro constata que o mundo desconhecia o que era ser seringueiro, qual seria esse ofício, e compreende que a melhor forma de dar voz à luta dos seringueiros, que, de certa forma, estava interligada à causa ambiental, seria levantando a bandeira da proteção ambiental, como podemos verificar no diálogo apresentado na minissérie entre Chico Mendes e Adrian:

Chico Mendes: “Eu entendi uma coisa, Adrian. Aqui também ninguém sabe que existe seringueiro. Ninguém consegue entender o que é um seringueiro”.

Adrian: “Pode ser duro ouvir isso, Chico. Do ponto de vista econômico, o seringueiro é uma categoria do passado; não interessa a ninguém”.

Chico Mendes: “Entendi. Entendi também que a única maneira de defender o seringueiro é defendendo a floresta” (AMAZÔNIA, 2007, DVD5).

B) Criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, uma associação que desencadearia a luta dos seringueiros por seus direitos negados. Por meio de uma cena apresentada na minissérie, observamos a primeira vez que a palavra sindicato é citada aos extrativistas, os quais há tempos tiveram os seus direitos relegados, porém não sabiam do que se tratava nem como essa entidade poderia ajudá-los. Na mesma cena vemos Chico Mendes recordando sua infância e da primeira vez que ouviu o termo, pelo militante Euclides Távora, que o alfabetizou: “Se um dia chegar aqui uma coisa chamada sindicato, você entra” (AMAZÔNIA, 2007, DVD 5).

Com a ajuda de Chico Mendes, o sindicato foi criado no ano de 1977 e tinha por objetivo a luta pelo direito da posse de terras pelos nativos, visto que os seringueiros estavam sendo expulsos com emprego de violência de suas terras por fazendeiros que descampavam grandes áreas para transformar em pasto. É interessante ressaltar que Chico Mendes não foi alfabetizado na infância como é mostrado na minissérie por meio de *flashbacks*, mas sim aos

18 anos de idade. Na primeira cena da terceira fase da minissérie, Chico Mendes é apresentado em sua fase adulta, por meio de um diálogo com Bento, personagem que permeia todas as fases da minissérie, tendo surgido logo no primeiro capítulo da primeira fase, no qual é retratada a trajetória da família de Bento, migrantes cearenses que vêm para terras amazônicas em busca de melhores condições de vida. Bento é uma personagem ficcional, que representa os seringueiros, um homem comum, mas que, todavia, poderia ter existido dentro daquela realidade recriada. Retomando o que foi dito por Aristóteles na *Poética*, cabe ao poeta relatar as coisas que poderiam acontecer. Ora, se Bento era um migrante cearense e seringueiro que viveu (ficcionalmente) naquela época de exploração da borracha e sobreviveu às adversidades do seu “momento histórico”, poderia ele, sim, ter conhecido Chico Mendes; isso claro, dentro de uma realidade ficcional, pois não há relatos sobre a existência dessa personagem que não os ficcionais.

C) Morte de Chico Mendes, representada na última cena da minissérie. É mostrado o episódio da morte; e, antes disso, também vemos os relatos de denúncias do seringueiro aos meios de comunicação, informando que estava sofrendo ameaças por parte dos fazendeiros locais, mas nada é feito. No dia 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes é assassinado por Darly e Darci Alves, fazendeiros locais e mandantes do crime. Abaixo o relato de Souza (1990, p.147):

A noite caía em Xapuri. Estava calor, e Chico Mendes tinha passado a tarde jogando dominó com os policiais que o protegiam. Por volta das 17h30min ele se levantou da mesa, pegou uma toalha e disse que ia tomar banho. Como o banheiro ficava no fundo do quintal, ele abriu a porta da cozinha e notou que já estava escuro. “Eles podem me pegar fácil, se quiserem” – ainda disse. Ouviu-se um tiro. Eram 17h35min. Chico rodou e levou a mão ao peito. Sangrava muito e não mais conseguiu falar. Saiu cambaleando em direção ao quarto; [...] desabou no corredor sendo acudido por Ilzamar.

Na teledramaturgia, vemos cruzamentos entre História e ficção, já que, ao mostrar as cenas do sepultamento do seringueiro, são mescladas cenas fictícias e reais; aparecem fotos, vídeos do enterro de Chico Mendes, e a carta que este escreveu antes do acontecido é narrada pelo ator Cássio Gabus Mendes, que o interpretou na ficção. Abaixo, trecho da carta de Chico Mendes lida na minissérie:

Não quero flores no meu enterro, porque sei que elas serão arrancadas da floresta! Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços no Acre, que, sob a proteção da polícia de 75 pra cá, já mataram mais de 50 pessoas como eu, líderes seringueiros, empenhados em defender a floresta amazônica e fazer

dela um exemplo de que é possível progredir sem destruir. Vou para Xapuri ao encontro da morte (MENDES, 1988).

As imagens a seguir são do sepultamento de Chico Mendes em Xapuri. Em preto e branco, foto da época; colorida, cena representada pela teledramaturgia.



Figura 21: Enterro de Chico de Mendes no plano histórico (à esquerda); plano ficcional (à direita).
<http://tempomoderno.com.br/2008/12/20-anos-da-morte-de-chico-mendes.html>
<http://www.altinomachado.com.br/2007/03/enterro-de-chico-mendes.html>

A minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007) é uma narrativa ficcional, mas não perde o tom histórico, uma vez que, para recontar a história do Acre por meio de três de suas personagens históricas, dentre eles Chico Mendes, mescla fatos históricos e ficcionais. Temos a trajetória do líder seringueiro recriada e estruturada com base em registros históricos demonstrando verossimilhança à medida que personagens e acontecimentos do mundo real são representados.

A minissérie buscou apresentar a narrativa histórica sem, todavia, deixar de apresentar elementos do melodrama que costumam captar a audiência do telespectador, tendo em vista que, apesar de ser entretenimento, antes de tudo é um produto que necessita de um público para que tenha sucesso. Tivemos a ênfase ao relacionamento amoroso de Chico Mendes com sua esposa Ilzamar, dentre outros que permearam a obra.

É interessante ressaltar a importância de a teledramaturgia representar parte da história de um Estado da Região Norte do País, uma vez que não é tão comum, visto que a maioria das narrativas televisivas estão voltadas para os grandes centros urbanos – Sul/Sudeste –; a trajetória dos seringueiros na Amazônia juntamente com a de Chico Mendes retratada por

meio da minissérie é, para muitos brasileiros, a única história que conhecem acerca da exploração de látex e de trabalhadores seringueiros na Região Norte do País.

3.7 Contraposição entre fatos históricos e ficcionais na narrativa fílmica de *Amazônia em Chamas*

O filme *Amazônia em Chamas*, 1994, direção geral de John Frankenheimer, foi baseado na história de Chico Mendes. Apresentou a trajetória do líder dos seringueiros, que lutou e reivindicou os direitos dos trabalhadores rurais na Amazônia, que há muito haviam sido deixados à margem da sociedade, tendo seus direitos básicos negados.

Chico Mendes defendeu a causa dos seringueiros e se opôs ao sistema político vigente, o que ocasionou posteriormente em seu assassinato, no ano de 1988, morte encomendada pelos fazendeiros Darly e Darci Alves.

A história tem início no ano de 1951, em Cachoeira (Xapuri), no Acre, e apresenta ao telespectador Chico Mendes ainda criança. Na primeira cena do filme, vemos Chico Mendes juntamente com seu pai indo ao barracão vender o produto de seu trabalho, porém o responsável pelo estabelecimento comercial o “engana” no peso das pelotas de borracha, conduta comum na época. É a partir desse momento que conheceremos a trajetória do líder seringueiro e ambientalista que defendeu a Amazônia e falou sobre desenvolvimento sustentável em um tempo em que pouco se tratava disso.

A seguir relacionamos alguns fatos que foram retratados no filme a fim de fazermos uma contraposição com os fatos históricos que permearam a trajetória de Chico Mendes. Para isso, utilizamos como base histórica o ensaio *O empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza, 1990.

A) Um mentor revolucionário – em uma das primeiras cenas do filme, é mostrado o modo como se deu a alfabetização de Chico Mendes. Ainda menino, Chico Mendes conhece Euclides Távora, que viajara para o Acre em busca de trabalho. Távora propôs alfabetizar o menino e em troca disso pediu que ele o ensinasse a “sangrar a borracha”. “Seu filho é inteligente. Talvez se eu o ensinar a ler, ele me ensine a sangrar a borracha” (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994). Nas cenas subsequentes vemos Távora, enquanto caminha na floresta com Chico Mendes, ensinando-lhe noções de cálculo.

No ensaio *O empate contra Chico Mendes* (1990), Souza trata sobre esse episódio da vida de Chico Mendes. De acordo com o autor, Távora impressionou-se com a inteligência de Chico Mendes, com quem conversava durante horas sobre diversos assuntos, dentre eles história e Amazônia.

E foi assim que Chico Mendes descobriu que o seu mundo era o mundo da borracha. E o mundo da borracha era o mundo do Acre. O pequeno território encravado no centro da América do Sul, cercado pelas florestas densas, de rios tortuosos, população rarefeita e pobre, e que somente se integrara ao território brasileiro no século XX; devia à borracha até sua existência. A borracha, portanto, não era apenas um segmento da economia local; era a cultura. Uma descoberta que foi crucial para o jovem Chico Mendes (SOUZA, 1990, p. 32).

B) O casamento com Ilzamar – na cena apresentada no filme vemos Chico Mendes pedindo autorização ao pai de Ilzamar para casar-se com ela. Chico Mendes menciona o fato de ser mais velho que a jovem, mas, apesar disso, se apaixonara pela moça, que o corresponde. O pai de Ilzamar permite o enlace. De acordo com Souza (1990), Ilzamar desde criança já ouvira falar sobre Chico Mendes, que era muito querido por sua família e por membros da comunidade local, que já ouvira falar sobre sua militância pela causa dos trabalhadores rurais e da floresta amazônica. Enquanto na ficção o pedido de casamento ocorreu em um bar, na vida real aconteceu logo após um comício de Chico Mendes, a que Ilzamar e sua família assistiram.

C) A Estrada BR 364 – vemos a luta e a resistência dos seringueiros sobre a construção da Estrada 364, que atravessaria Rondônia até o Acre e que beneficiaria poucos, dentre eles os fazendeiros, e faria que seringueiros perdessem a posse de suas terras e de seu meio de sustento – a floresta. Em uma das cenas observamos Chico Mendes em um diálogo com o cineasta Adrian, no qual demonstra sua preocupação com o prosseguimento dos planos da estrada. Além disso, reafirma sua luta em prol dos direitos dos seringueiros. Abaixo, diálogo entre Chico Mendes e o cineasta Adrian:

Chico Mendes – Tenho pensado nessa estrada. Os fazendeiros têm de fazer seu investimento dar lucro. Eles voltarão.

Adrian – Vi seu trabalho. E sei o quanto ama sua causa.

Chico Mendes – Eu amava meu pai. Era um homem simples. Um homem bom. Ele amava minha mãe. Fez o que pôde por nós. Quando eu era menino, vi quando ele deixou algo terrível acontecer “porque é isso que fazemos”, nos curvamos e deixamos que eles nos batam e dizemos que será melhor na próxima vida. Eu não vou fazer o que meu pai fez. Nenhum filho meu vai me olhar do jeito que eu olhei para o meu pai (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).

A Estrada BR 364 não se estendeu até o Acre graças à intervenção de Chico Mendes junto aos seus financiadores que, ao saberem que tal estrada não daria lucro como fora dito pelo governo brasileiro, cortaram o financiamento.

D) A participação na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID, com a ajuda de amigos – Chico Mendes foi para Miami, onde ocorreu a conferência do BID; seu objetivo era denunciar o que estava acontecendo no Acre, mostrar que a estrada BR 364, que pretendiam estender até o seu Estado, não beneficiaria a sua comunidade local. O intuito de Chico Mendes era falar da causa dos seringueiros, denunciar o abandono por parte do poder público àquela classe de trabalhadores, todavia percebeu que a causa da floresta amazônica era maior e que já era um nome conhecido internacionalmente por conta da preservação das florestas, o que inicialmente não era o seu objetivo, mas percebeu ali que a defesa da Amazônia ajudaria na causa seringueira, que uma coisa não anulava a outra e que ganhava maior repercussão quando falava da preservação ambiental. A seguir, trecho do discurso de Chico Mendes no BID:

Quando cheguei aqui, tinha uma coisa em mente – proteger as árvores, que são o sustento dos meus filiados. Quem me trouxe aqui tinha uma outra coisa – preservar o planeta. Percebi que estamos lutando pela mesma coisa. Se nos ajudarem a preservar as árvores, temos uma chance de dar uma vida melhor para nós e nossos filhos. Se nos ajudarem na floresta tropical, estará lá para vocês e seus filhos. Sou contra a estrada, porque significa a derrubada de árvores e a queimada do que resta. Fazendo isso, não haverá mais floresta, mas um deserto. É o progresso na direção errada. Algumas pessoas vão ganhar dinheiro, mas não nossos membros. Porque nos ajudariam? Se nos ajudarem a derrotar a estrada, estarão se ajudando (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).

E) A morte anunciada – após a repercussão na conferência do BID, os recursos para a construção da BR 364 foram cortados, gerando grandes prejuízos aos fazendeiros locais, que passaram a fazer ameaças a Chico Mendes e, a partir daquele momento, premeditaram a morte do sindicalista. Darly Alves, juntamente com outros fazendeiros locais, planejou o assassinato de Chico Mendes. Momentos antes do acontecimento, no filme, vemos uma cena na qual é retratado Chico Mendes em tom de despedida com sua família, entregando antecipadamente os presentes de Natal para os filhos e a esposa. O assassinato de Chico Mendes aconteceu às vésperas do Natal, no dia 22 de dezembro de 1988, em sua residência, em Xapuri, no Acre.

O filme buscou representar a história de Chico Mendes de acordo com os relatos históricos, assim percebemos que os principais fatos da trajetória do líder seringueiro foram representados pelo cinema e, quando os comparamos com o que foi relatado por Márcio Souza, no livro *O empate contra Chico Mendes*, notamos que a narrativa cinematográfica se aproxima muito do retrato feito pelo autor amazonense acerca de quem foi o sindicalista e líder seringueiro que deu voz aos trabalhadores rurais da Amazônia.

4 AMAZÔNIA EM CHAMAS – A HISTÓRIA NA FICÇÃO

Neste capítulo tratamos do filme *Amazônia em Chamas* (1994), no que concerne às temáticas abordadas pelo cinema relacionadas à história de Chico Mendes, representada pela ficção. Além disso, tecemos algumas considerações sobre o ensaio *O Empate contra Chico Mendes*, uma vez que entendemos que ele relata o ponto de vista histórico reproduzido pela narrativa cinematográfica.

4.1 O filme *Amazônia em Chamas*

Amazônia em Chamas é um filme americano produzido em 1994 pela Rede HBO (Home Box Office) e dirigido por John Frankenheimer. Retrata a história de Chico Mendes, acreano, líder dos seringueiros, que travou uma batalha em defesa dos interesses da classe seringueira que vivia à margem do Estado, longe das políticas públicas e da proteção das autoridades, principalmente no que diz respeito aos seus direitos trabalhistas e à floresta. Chico Mendes enfrentou o poderio local, grandes fazendeiros da região, e, em razão disso, ganhou reconhecimento mundial e consequente apoio de organismos internacionais, como o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), em prol de sua causa. Isso suscitou a ira dos latifundiários e fazendeiros locais, que viram os seus planos de lucrar com a exploração da região esvaír-se; e, por conta disso, mais tarde, arquitetaram o assassinato de Chico Mendes.

A narrativa fílmica já inicia esclarecendo ao telespectador, por meio de um cartaz, que o que será mostrado trata de uma história real. Abaixo o reproduzimos na íntegra:

ESSA É UMA HISTÓRIA REAL.

Há gerações, milhares de homens são atraídos pelo Rio Amazonas, pela preciosa floresta tropical brasileira. As terras estéreis negociadas pelo ouro branco fizeram grandes fortunas. Os trabalhadores que colhiam a borracha viviam com medo e morriam com dívidas. Os trabalhadores valorizavam muito a floresta que os sustentava, desprezando o chefe explorador. Finalmente, nasceu um homem para enfrentá-los. Seu nome era Chico Mendes (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).

Na cena inaugural do filme já vemos com o sistema de exploração vigente, o chamado “erro nas contas”. O seringueiro vendia à casa aviadora o látex, resultado do seu trabalho, no entanto o dono do estabelecimento comercial propositalmente se “equivocava” nos cálculos, sempre em benefício próprio, e o seringueiro nada podia fazer, uma vez que dependia do comerciante para vender a borracha. Na cena vemos Chico Mendes ainda criança, no ano de 1951, com seu pai, que é enganado na pesagem da borracha pelo proprietário da casa aviado-

ra, mas que se resigna e aceita receber um valor inferior pelo seu trabalho e apenas diz ao filho: “É um mau negócio, mas é tudo que temos” (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).

O filme retrata a trajetória de Chico Mendes mostrando que desde menino já sabia como funcionava o sistema de exploração da força de trabalho dos seringueiros; e, diferentemente de seu pai, não estava disposto a aceitar submisso os desmandos daqueles que se aproveitavam do pouco conhecimento e da fragilidade dos trabalhadores seringueiros. Os fatos narrados pelo cinema desenrolam-se desde a infância de Chico Mendes, as conquistas frente ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a paixão pela esposa Ilzamar, o reconhecimento internacional, até o fatídico dia de seu assassinato, na noite do dia 22 de dezembro de 1988.

A seguir elencamos algumas cenas que demonstram a trajetória de Chico Mendes, apresentada pela narrativa fílmica que o retrata desde menino, quando o líder seringueiro já demonstrava sinais de descontentamento com as injustiças sociais que o rodeavam.

4.1 Um professor revolucionário

Euclides Távora era membro de uma das famílias mais tradicionais do Nordeste, mais precisamente de Fortaleza, no Ceará. Um jovem de espírito aventureiro que encampou para a Amazônia logo após sair da prisão, na qual estivera por ter participado de uma malfadada tentativa de golpe militar, mais tarde conhecida como “Intentona Comunista”.

Vemos, por meio da narrativa, o encontro entre Chico Mendes e Euclides Távora, o revolucionário que foi essencial na trajetória do líder seringueiro, uma vez que o alfabetizou e o orientou. Souza (1990) relata que

O encontro com Euclides de Távora mudou completamente a vida de Chico Mendes. Todos os sábados, depois de caminhar durante três horas pela selva fechada, Chico recebia lições de alfabetização. Na falta de material didático usavam jornais, provavelmente um do Partido Comunista do Brasil, organização na qual Euclides militava. [...] Para satisfação do calejado revolucionário, o discípulo não demorou a lhe dar contentamento. Em menos de um ano, Chico Mendes estava lendo e escrevendo fluentemente. A inteligência vivaz de Chico o impressionava, e eles passavam horas e horas conversando (SOUZA, 1990, p. 31-32).

O relato acima, descrito na obra de Souza (1990), é apresentado na narrativa fílmica, logo na cena inicial. Assistimos a uma das injustiças às quais, cotidianamente, os seringueiros eram submetidos; a mais comum delas o chamado “erro nas contas”, em que o chefe do armazém, quando o trabalhador levava o látex para a pesagem, informava-lhe um peso inferior a fim de não pagar o valor integral pelo produto comercializado. Euclides Távora é testemunha

do episódio em que o pai de Chico Mendes é enganado. Távora tenta intervir, mas em vão: a lei do seringal não permite interferências; o mais fraco, subordinado, deve obedecer sempre. Posteriormente, Euclides Távora tem um novo encontro com Chico Mendes e seu pai e se dispõe a alfabetizar o menino em troca de que lhe ensinem como “sangrar borracha”. Abaixo o diálogo da cena em questão:

Euclides Távora (dirigindo-se ao pai de Chico Mendes) – Seu filho é inteligente. Talvez se eu o ensinar a ler, ele me ensine a sangrar borracha.
 Pai de Chico Mendes: – Ler?
 Euclides Távora: – Sim.
 Euclides Távora: – Você gostaria? (dirigindo-se a Chico Mendes, que faz um gesto assentindo) (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).

De acordo com Souza (1990), foi a partir do encontro com Euclides Távora que Chico Mendes passou a conhecer mais sobre o seu próprio mundo. Em meio às suas lições Chico Mendes aprendeu sobre Amazônia, aquele misterioso mundo que o cercava desde sempre:

Descobriu que o seu mundo era o mundo da borracha. E o mundo da borracha era o mundo do Acre. O pequeno território encravado no centro da América do Sul, cercado pelas florestas densas, de rios tortuosos, população rarefeita e pobre, e que somente se integrara ao território brasileiro já no século XX; devia à borracha até mesmo sua existência. A borracha, portanto, não era apenas um segmento da economia; era a cultura. Uma descoberta que foi crucial para o jovem Chico Mendes (SOUZA, 1990, p. 32).

Não há dúvida de que foi a partir do encontro com Euclides Távora que Chico Mendes passou a refletir sobre as injustiças que o cercavam. Entendeu a importância da floresta na economia local. Compreendeu que poderia romper com aquele círculo vicioso de injustiça social; e mais tarde assim o fez, de acordo com Souza (1990), filiando-se ao Sindicato dos Trabalhadores e criando um trabalho de conscientização local junto às pessoas com menos instrução.

4.2 O empate contra os fazendeiros

Empate consistia no movimento organizado pelos trabalhadores seringueiros com a finalidade de impedir a destruição tanto da fauna quanto da flora e, dessa forma, evitar que o ambiente de onde tiravam elementos para sua subsistência deixasse de existir.

No filme há várias cenas que mostram Chico Mendes promovendo os empates, outrora liderados por Wilson Pinheiro. A partir de tais cenas podemos conferir como eram organizados os empates, de maneira pacífica. Os seringueiros não utilizavam nenhuma espécie de armamento, nem para se defender. Os seus protestos eram por meio da tentativa de convencimento e de conscientização dos peões que eram enviados pelos fazendeiros para fazer a derrubada das árvores. Isso se evidencia no diálogo a seguir:

Wilson Pinheiro: – Sou Wilson Pinheiro, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; como presidente, ordeno que deixem essa terra para os seringueiros. Reivindiquem legalmente todas essas árvores.

Capataz: – Não é hora do almoço, homens. Continuem trabalhando. Cortem, desgraçados! (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).

Vemos que, inicialmente, era realizada uma tentativa de acordo com os peões, com a finalidade de fazê-los entender que a floresta era importante para a população, tendo em vista que dependiam quase que exclusivamente dos recursos naturais provindos dela, porém, na maioria das vezes, estratégia de diálogo não funcionava, e os seringueiros se colocavam ao redor das árvores protegendo-as com seus próprios corpos, enquanto os peões, armados de motosserra, ameaçavam cortar tudo aquilo que encontrassem pela frente, inclusive os seringueiros.

(Peão): “Escute, senhor. Não sei quem você é ou do que está falando, mas eu sou pago para cortar árvores e tudo que estiver no caminho ” (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994).



Figura 22: Representação de um empate. Imagem extraída do filme *Amazônia em Chamas*
Fonte: *Amazônia em Chamas* (1994, tempo 1h, 26m)

4.3 A morte prenunciada de Wilson Pinheiro

De acordo com Shoumatoff (1990),

No Brasil, quando alguém te telefona e diz que você vai morrer, não é somente uma ameaça, mas também a afirmação de um fato; você foi jurado de morte. Isso significa que você pode ir até os confins da terra, desaparecer no Rio de Janeiro, ou em São Paulo, cercar-se de toda a proteção que o dinheiro é capaz de comprar, e nada disso vai adiantar, porque você será morto. O juramento de morte é uma forma de tortura: aumenta-se o prazer de matar a vítima, destruindo-a primeiro psicologicamente (SHOUMATOFF, 1990, p. 13).

Essa afirmação de Shoumatoff vai ao encontro do que ocorria com líderes sindicais no Acre, na década de 1980. Isso era consequência das lutas promovidas por eles, em defesa dos direitos humanos, do direito à terra, da reforma agrária. Essas questões eram contrárias aos ideais dos grandes latifundiários, que enriqueciam às custas do pouco conhecimento e da ausência de medidas protetivas dos direitos dos trabalhadores seringueiros.

Wilson Pinheiro foi um líder sindical da década de 1980, que, assim como Chico Mendes, lutou em defesa dos direitos dos trabalhadores da floresta, promovendo empates, conscientizando os seringueiros acerca de seus deveres. Em 1975 fundou a primeira sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Acre.

Os dados sobre a vida de Wilson Pinheiro são escassos; pouco se sabe sobre sua origem e o que o motivou a tornar-se sindicalista. Conforme Shoumatoff (1990), as informações sobre Pinheiro sempre giram em torno de um único parecer: era um seringueiro de Brasileira. Wilson Pinheiro foi cruelmente assassinado a tiros no dia 21 de julho de 1980, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Sua morte fora encomendada pelos fazendeiros locais, desencadeando uma onda de violência entre seringueiros e fazendeiros. “Os seringueiros queriam sangue por Pinheiro. Mil e quinhentos deles juntaram-se para jurar vingança, colocando as mãos sobre o cadáver” (SHOUMATOFF, 1990, p. 95). Mesmo após a identificação dos mandantes e dos assassinos de Wilson Pinheiro, nada foi feito, e o processo foi engavetado como tantos outros denunciados pela população local.

Após a morte de Wilson Pinheiro Chico Mendes assumiu o comando do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e deu continuidade ao movimento seringueiro.

4.4 Os Alves

De acordo com Souza (1990, 142):

Os Alves da Silva começaram no Acre com uma posse de 24 hectares, mas três anos depois Darly já estava requerendo mais de 100 hectares, numa escalada bem mais rápida do que jamais havia sonhado. O Acre o estava transformando em um grande fazendeiro. E nada seria capaz de impedir que isso acontecesse.

Ainda, conforme Souza (1990), Darly Alves aparentava ser um homem pacato e até tímido; pouco falava; tinha um jeito arisco com o qual afastava as pessoas. Mas isso era apenas aparência, uma vez que era ele o líder de sua gente, comandando-os com punhos de ferro e impondo suas vontades e suas “leis”. Para os poderosos, era sempre comedido e respeitador, dissimulava uma personalidade gentil, “gostava de medidas e de velhos e quase esquecidos gestos: tirar o chapéu para uma senhora, cumprimentar os passantes com um curvar de cabeça, manter os olhos baixos perante autoridades” (SOUZA, 1990, p. 142).

Na narrativa fílmica encontramos um Darly Alves intimidador que sempre atemorizava os seus desafetos, jurando-os de morte; e, sem pensar em maiores consequências, confessava seus crimes aos seus adversários, como no diálogo seguinte:

Comecei com três vacas em cem acres (unidade de área). Hoje tenho quinhentas cabeças em cem mil acres. Ninguém me deu nada. Foram dez anos de trabalho duro. Tente tirar isso de mim e vai acabar como Wilson Pinheiro. (AMAZÔNIA EM CHAMAS, 1994)

Darly Alves figura na lista de mandantes do assassinato de Chico Mendes. Encomendou sua morte como vingança por ter suas terras desapropriadas, em 1988, pelo Governo Federal para criação de uma reserva extrativista, uma vez que se tinha apropriado indevidamente delas. O ódio tornou-se ainda maior quando descobriu que a reserva extrativista que seria feita de sua então fazenda seria administrada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. No dia 22 de dezembro de 1988 Chico Mendes foi assassinado por Darci Alves, filho de Darly Alves.

4.5 O ensaio literário

O vocábulo “ensaio” deriva do latim *exagium*, que quer dizer *ação de pensar*, de onde provém o sentido de provar, experimentar, tentar etc. (MOISÉS, 2012, p. 596). Todavia, ainda de acordo com o autor, o sentido literário que o termo passou a adquirir após o século XVI deriva do francês *essai*.

Na perspectiva de Arrigucci (2003, p.3), “ensaio é uma forma breve, que fica entre o saber e a ciência, mas cuja forma propriamente dita não é diferente de um conto ou de um poema”. Para o referido autor, o ensaio é uma forma literária que não necessita de linguagem técnica ou de difícil entendimento e que, por essa razão, estabelece um elo entre o leitor e o ensaísta.

Nos estudos literários, ensaio é o texto autônomo, sendo assim livre de protocolos. Por meio dele, pode-se discorrer sobre as mais diversas temáticas, figurando dessa forma como um texto de opinião segundo o qual se pode levar à baila ideias e pontos de vistas pessoais de seu autor sobre determinada temática. Assim, diversos temas podem ser discutidos em um ensaio tais como Filosofia, Política, História, Literatura, dentre outros.

No que diz respeito ao ensaio *O empate contra Chico Mendes*, essa produção chama atenção por conta da proximidade com a estrutura romanesca na descrição de seus quadros dramáticos em uma tentativa de ilustrar a verdade histórica para o leitor. Os capítulos do livro se estruturam de maneira linear, apresentando ao leitor a vida de Chico Mendes contextualizada com o momento histórico da região. Dessa forma, podemos observar que o autor intenciona reconstruir a personagem Chico Mendes como “um homem cuja vida está intimamente vinculada ao látex e ao extrativismo” (SOUZA, 1990, p. 17) e apresentá-la ao leitor, que, do ponto de vista do ensaísta, não o conhece de verdade, tendo em vista que, logo após a morte do sindicalista, muitos autores escreveram sobre a sua vida e sua história de resistência sem, contudo, conhecer a realidade da região, uma vez que foi a Amazônia o palco de suas lutas sociais.

Sendo assim, tomando como base alguns quadros narrativos que se assemelham à estrutura romanesca, relacionamos a seguir uma breve análise no diz respeito ao narrador, espaço e tempo retratados no ensaio:

A) Narrador onisciente intruso que, nas palavras de Leite (1985, p.26):

É a primeira categoria proposta por Friedman. Haveria aí uma tendência ao sumário, embora também possa aparecer a cena. Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade. [...]. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.

Dessa forma, há no ensaio a presença de um narrador que descreve e explica para o leitor, em alguns trechos do texto, características da personagem Chico Mendes, sejam elas físicas, sejam psicológicas, como nas passagens a seguir:

Aos nove anos o menino Chico já está no corte, responsável por algumas árvores de uma estrada [...]. **Ele é franzino, esperto e muito curioso. Quase não tem medo de nada**, caminhando sozinho pela mata, e a poronga mal iluminando o seu caminho. A escola desse menino seringueiro é a própria estrada da seringa. Ali ele não tem como aprender a ler e a escrever o português. O idioma que vai aprendendo é o da própria selva, um idioma que lhe permite sobreviver e que lhe servirá de salvo-conduto (SOUZA, 1990, p. 28 – **grifo nosso**)

As gestas populares, os contos fabulosos, todos eles presentes em todo o imenso vale amazônico, plasmavam uma moral, estimulavam um conjunto de maneiras de se relacionar com a floresta. Assim, **uma das lendas prediletas de Chico Mendes, que ele como bom contador de “causos”** gostava de repetir, fosse para os filhos ou para gente que vinha de outras plagas só para ouvi-lo, era a lenda do **Curupira**, o **caboquinho** do mato (SOUZA, 1990, p.28 – **grifo nosso**).

Nos trechos acima verificamos algumas características de Chico Mendes. No primeiro, ele é retratado com nove anos de idade, “esperto”, “curioso” e “quase não tem medo de nada”. No segundo, é mostrada sua crença nos contos populares; seu preferido era o do “Curupira”. Podemos então apreender que essas características psicológicas, apresentadas pelo narrador, são fundamentais para a compreensão da personagem pelo leitor, uma vez que esses traços possibilitam a identificação da personalidade do líder dos seringueiros, “uma das maiores voações políticas já formadas pelas Amazônia” (SOUZA, 1990, p. 57).

A) Espaço: a definição dos limites espaciais na obra compreende a cidade de Xapuri, no Acre: “a noite caía em **Xapuri**. Era 22 de dezembro de 1988”. (SOUZA, 1990, p. 147 – **grifo nosso**) e Miami. “Mas Chico Mendes não estava em **Miami** para cumprir a alegre e dispendiosa rotina da maioria dos turistas brasileiros” (SOUZA, 1990, p. 19). Nessas duas passagens

citadas podemos observar o espaço no qual o ensaísta ambienta a sua obra. Primeiro em Xapuri, onde ocorre a maior parte dos acontecimentos, desde quando representa Chico Mendes ainda menino em sua cidade natal até a inauguração da resistência seringueira; e depois em Miami, lugar onde ele participa da reunião do BID, fato que ocasiona uma grande mudança na história do seringueiro, visto que a partir daí adquire fama e conseqüentemente passa a ter a sua vida ameaçada pelos fazendeiros.

B) Tempo: para “reconstituir” a trajetória de Chico Mendes o ensaísta reconta a história da Amazônia, reconstruindo todo o contexto histórico e social que culminou com o processo de resistência liderado pelo sindicalista. Sendo assim, ilustramos a seguir algumas datas que foram fundamentais para situar o leitor: 1944, ano de nascimento de Chico Mendes, ocorria a Segunda Guerra Mundial, a Amazônia era responsável por fornecer a goma elástica para os países que estavam em guerra; o Acre ainda não havia sido elevado à categoria de Estado, sendo até então somente território federal; e, mesmo tendo sua economia inteiramente voltada para a produção gomífera, seus seringueiros não passavam de flagelados, abandonados à própria sorte pelo Poder Público. “Era **março de 1987**, a sua primeira viagem ao estrangeiro” (SOUZA, 1990, p. 19 – **grifo nosso**). Como podemos observar, o ano de 1987 também é marcado como uma data importante, o ano em que Chico Mendes foi a Miami para, dentre outros, falar da construção da BR-364. “Quando o **ano de 1988** começou, o movimento dos seringueiros do Acre já tinha realizado, desde março de 1976, cerca de 45 empates, sofrido 30 derrotas e conseguido 15 vitórias (SOUZA, 1990, p. 136 – **grifo nosso**). “Era o dia **22 de dezembro de 1988**. Ouviu-se um tiro. **Eram 17h45min**” (SOUZA, 1990, p.147 - **grifo nosso**). Por fim Souza (1990) termina sua narrativa com a morte de Chico Mendes, informando dia, mês e ano e a hora exata do homicídio.

Assim, observamos o tempo cronológico bem marcado na narrativa de Souza (1990) quando ele relata a tragédia de Chico Mendes, às vésperas do Natal de 1988, demonstrando a preocupação internacional que essa morte gerou, voltando os olhares da imprensa internacional para a Amazônia e colocando em voga a questão ambiental na Amazônia, mas é a partir dos capítulos seguintes que o leitor vai compreender como tudo isso se deu e, afinal de contas, quem de fato foi Chico Mendes e o que representou para a Amazônia. A partir do segundo capítulo, intitulado “Os anos desesperados”, temos a “reconstituição” da trajetória do líder seringueiro, suas origens e como se deu a sua ida a Miami, onde denunciou a má gestão dos recursos então enviados pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e o descaso das autoridades públicas brasileiras frente à exploração desmedida da floresta amazônica.

- Quer dizer que a pecuária não é tão lucrativa quanto a exploração da floresta? – quis saber o sueco, utilizando um intérprete.
- Nós até já desafiamos os fazendeiros a fazerem as contas, só para provar que a floresta dá muito mais que o boi. Mas eles não aceitaram, é claro. Se aceitassem, iam ter que abrir o jogo. (SOUZA, 1990, p. 20)

Nos capítulos posteriores do livro, Souza remonta à história de Chico Mendes relatando fatos da sua vida pessoal, como o casamento com Ilzamar; o funcionamento da estratégia de empate, como era realizada, o modo como conheceu Euclides Távora, seu primeiro mentor até o dia de seu assassinato, que causou uma grande onda de comoção e de solidariedade na Amazônia.

Podemos dizer que o texto de Márcio Souza é representado na ficção, por meio da narrativa fílmica, embora saibamos que sua obra não serviu de base para a constituição cinematográfica, entretanto, fazendo uma análise comparativa entre as duas obras, percebemos que ambas fazem uma leitura muito parecida no que concerne à representação da figura histórica de Chico Mendes.

O texto é muito interessante, uma vez que apresenta a trajetória de Chico Mendes quase que de forma heroica, retratando uma personagem que se doou e sacrificou-se em nome de um bem maior e que, por conta disso, foi morto. O texto fílmico compreende duas partes: a primeira representa a indignação e o senso de justiça de Chico Mendes. Tendo conhecimento de todos os obstáculos que eram impostos para dificultar a vida dos seringueiros, não aceitou submeter-se aos mesmos desmandos pelos quais seu pai outrora passou, como é mostrado em uma das cenas do filme, no episódio em que, mesmo sabendo estar sendo enganado nos cálculos, o pai de Chico fingira não saber e abdicara de seus direitos sem sequer questionar, talvez por medo ou impotência frente ao sistema, porém, quando indagado por Chico, ainda menino, apenas diz que devem resignar-se e que “tudo será melhor na próxima vida”. Logo mais um Chico Mendes adulto, consciente de seus direitos, rememora essa passagem de sua infância e afirma que não fará como o seu pai, que se omitiu e não lutou por seus direitos. Notamos assim que a cena inicial que nos apresentou o menino Chico Mendes serviu de construção para a personalidade do líder seringueiro, que não se permitiu silenciar frente aos gritos e aos abusos de seus opressores.

A segunda parte diz respeito às lutas desempenhadas frente ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, os empates realizados, os embates políticos e a tentativa frustrada de seus inimigos de o fazerem calar por meio de ameaças que, mais tarde, culminaram no seu assassinato.

4.5.1 O Empate contra Chico Mendes

O livro *O empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza (1990), denominado de “panfleto político” pelo autor, é um ensaio acerca da trajetória da maior liderança ambiental, até então, já conhecida na Amazônia. Por meio do livro, Márcio Souza traz um retrato da vida de Chico Mendes mesclando-se a ela a história da Amazônia, presa a uma tradição do silêncio sobre a qual, conforme Souza (1990), várias pessoas tomaram para si o lugar de fala daqueles que efetivamente a conhecem, promovendo dessa maneira falácias e distorções sobre a real situação da região. Ainda, de acordo com o autor,

A história do Amazonas é a mais oficial, a mais deformada, encravada na mais retrógrada e superficial tradição oficializante da historiografia brasileira. Pouco estudada, verdadeiramente abandonada, com uma documentação rara e saqueada por inescrupulosos que se julgam proprietários do passado. Uma história escrita com a letra maiúscula do preconceito e da distorção mentirosa (SOUZA, 1990, p. 17).

Assim, o autor reivindica para si a missão de apresentar a Amazônia e, atrelada a esta, a história de Chico Mendes, líder sindical, que foi tragicamente assassinado por sua luta e resistência em favor dos direitos de seu povo.

Vemos no ensaio a trajetória de Chico Mendes destacada desde sua infância, suas origens, a vivência nos seringais, sua união com Ilzamar, sua esposa, a questão das reservas extrativistas, os empates praticados contra os fazendeiros e, por fim, sua trágica morte.

Chico Mendes, em vida, não teve a atenção da mídia nacional. Pelo contrário, foi ignorado. Suas denúncias sobre a situação de abandono de sua terra e as condições de trabalho de sua gente foram minimizadas pela imprensa. Após a sua morte, ganhou repercussão mundial, e as imprensas nacional e internacional encaminharam-se para a Amazônia, com o objetivo de fazer matérias, reportagens, documentários, filmes etc. sobre o líder seringueiro assassinado. Nas palavras de Souza (em entrevista para o Programa *Roda Viva* no ano de 1990), “o Chico morto ressuscitou não como um sindicalista, mas sim como um ecologista, um defensor do verde; [...] foi esse Chico Mendes que recebeu todo esse espaço”. Ainda, de acordo com o autor, após a morte do líder seringueiro, diversos veículos de informação passaram a indiscriminadamente publicar sobre a vida e os feitos de Chico Mendes, mesmo sem saber da realidade social que cercava a Amazônia naquele momento.

Dessa forma, o ensaio *O Empate contra Chico Mendes* nos apresenta um entendimento sobre o que foi a luta de Chico Mendes, “a sua morte, a mão que armou o pistoleiro e o ódio que moveu o fazendeiro a jurar o fim do jovem líder seringueiro” (SOUZA, 1990, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada neste trabalho investigou a trajetória de Chico Mendes na Amazônia e suas representações na ficção. Para isso abordamos as obras *O empate contra Chico Mendes* (ensaio), de Márcio Souza; *Amazônia em Chamas* (filme), de John Frankenheimer; e *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (minissérie), de Glória Perez, que têm como fio condutor de suas narrativas a história de Chico Mendes.

Chico Mendes era conhecido por sua coragem e luta pelos direitos daqueles que viviam à margem da sociedade, longe de toda e qualquer garantia constitucional apregoada pelo Estado. Chico Mendes foi bem maior que o ambientalista que ressurgiu após a sua morte; foi um líder político engajado com as lutas sociais vividas em seu momento histórico. As obras aqui estudadas nos possibilitaram conhecer a história de Chico Mendes de forma aprofundada.

O Chico Mendes, representado por Márcio Souza, retrata a figura de um líder, um homem exemplar, que inaugura um processo de resistência contra a exploração dos povos da floresta, algo inédito na Amazônia acostumada à exploração e ao descaso pelo poder público. Márcio Souza, em seu ensaio, reivindica para si o lugar de fala, no que diz respeito às questões amazônicas e de sua gente. Nas palavras do ensaísta, somente o caboclo amazônico, que vive a realidade da região, tem conhecimento de causa para falar. Na narrativa produzida pelo ensaio percebemos que, ao apresentar a trajetória do líder seringueiro, Souza também apresenta a realidade da Amazônia confrontando tudo o que já foi dito sobre ela, questionando a pretensão daqueles que escrevem sobre a Amazônia e não conhecem o seu passado, suas peculiaridades. Assim, no ensaio *O empate contra Chico Mendes*, temos a história de Chico Mendes intimamente ligada à história da Região Amazônica como em um “esforço de síntese da história regional, uma tentativa de tornar concisa e acessível uma história pouco conhecida até de seus principais agentes” (SOUZA, 1990, p15).

No que diz respeito à narrativa da teledramaturgia produzida pela minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, o rigor e a precisão com que os fatos históricos foram mantidos e a composição narrativa nos possibilitaram observar a importância que foi dada à história oficial no que concerne à trajetória de Chico Mendes. O percurso dos seringueiros para a Amazônia, desde o período de opulência do Ciclo da Borracha, por volta de 1876 a 1912, até a sua decadência, por volta de 1913, foi representado de forma cuidadosa, embasado por uma pesquisa séria, mas entremeada por uma emoção que somente o folhetim permite. Como estratégia ficcional, Glória Perez utilizou as obras *Terra Caída* (2007), de José Potyguara, e *Seringal* (2007), de Miguel Ferrante, e assim “reconstruiu” o universo dos seringais amazôni-

cos retratando como ocorria a exploração da força de trabalho dos seringueiros em terras amazônicas. Em meio a histórias ficcionais, na terceira fase da minissérie, temos a representação da história de Chico Mendes, permeada de lutas em prol dos habitantes de sua região. A narrativa televisiva vinculou a figura de Chico Mendes a causas ambientais e à proteção do meio ambiente, o que contribuiu para tratar questões sociais e políticas interessantes, pois destacou, dessa forma, os conflitos que envolvem o meio ambiente na Amazônia, ainda hoje.

Em *Amazônia em Chamas*, a narrativa fílmica demonstrou como se dava a vida no Acre, na década de 80, as violações cometidas pelos fazendeiros locais que usurpavam as terras dos moradores nativos sem qualquer cerimônia e, além disso, empenhavam-se em destruir as florestas, que era o único meio de subsistência daquelas pessoas; e, para isso, utilizavam-se de violência, tortura, dentre outros métodos de intimidação e dominação. A figura de Chico Mendes é representada com ênfase em suas lutas em prol dos direitos das minorias. No filme percebemos como se construiu a imagem do líder sindical conhecido mundialmente; como era a forma de organização dos chamados “empates”. A narrativa produzida pelo cinema aproximou-se da biografia, retratando o percurso de Chico Mendes desde a infância até o fatídico dia de seu assassinato, que levou centenas de jornalistas à pequena Xapuri e obrigou que as autoridades brasileiras, pressionadas pela imprensa mundial, enfim dessem atenção ao Acre.

As três narrativas convergiram de modo a recontar a história de Chico Mendes e, além disso, vinculá-la à Amazônia. Notamos que tanto a narrativa produzida pelo ensaio quanto a do cinema e a da teledramaturgia nos mostram que a Amazônia é desde sempre negligenciada pelo Poder Público, que não dá a devida atenção à região. Prova disso é que Chico Mendes, na década de 80, conhecido internacionalmente, não era notado no seu próprio país. Suas denúncias eram minimizadas pelo governo brasileiro, que “fechava os olhos” ante as injustiças sociais praticadas na Amazônia e, com isso, permitiu que pessoas vivessem sem os seus direitos fundamentais preconizados pela Constituição Federal, já que, no Acre, “terra de ninguém”, não faziam sentido nenhum, tendo em vista que não eram respeitados. E, assim, durante muito tempo, aquela região viveu sob as leis e as regras daqueles que tinham mais dinheiro, situação que só mudou com o surgimento de uma nova liderança sindical, Chico Mendes.

No dia 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes foi silenciado, entretanto a sua luta e a dos seringueiros não fora ali sepultada; ela viveu e reviveu juntamente com aqueles que acreditaram que poderiam livrar-se do jugo de seus opressores. Hoje, 31 anos após a morte de Chico Mendes, ele continua a ser referência no que diz respeito à preservação ambiental e à resistência.

A expectativa é que a nossa pesquisa possa ser um estímulo para o fomento de novas outras sobre a Amazônia, sobre Chico Mendes, que tão bem representa as personagens reais da nossa região, pessoas humildes, que vivem nas áreas mais remotas, afastadas das Políticas Públicas e, ainda hoje, têm seus direitos e garantias fundamentais negados, todavia a isso resistem.

REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA EM CHAMAS. Direção de John Frankenheimer. Roteiro de Andrew Revkin e William Mastrosimone. País/Ano de produção: EUA, 1994.

AMAZÔNIA, DE GALVEZ A CHICO MENDES. Direção de Marcos Schechtman. Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2007. 7 DVDs.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 3.^a ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ARRIGUCI, Davi. *A prática do ensaio como arte. O Popular*, Goiânia, p. 3, 3 set. 2000. Entrevista concedida a Gêza Maria.

Barone, João. *1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BENCHIMOL, Samuel. *Formação Social e Cultural: Amazônia*. 3.^a Ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

_____. *Romanceiro da Batalha da Borracha*. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2006

BRANDÃO, Ignácio de Loyola [et al] *Personagem*. São Paulo: Atual. Coleção Quem conta um conto, Vol. 2, 1989.

CANDIDO, Antônio [et al]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHAL. Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COSTA, José Augusto de Castro. *Brasileiro por opção*. [S.l]: Ceuma Universidade. 2013.

CRESQUI, Candice. *História e ficção na construção de narrativas ficcionais: O caso da minissérie Anos rebeldes*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. 1.^a Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Trad. Hildegard Feist.

ENTRE REALIDADE E FICÇÃO – *Atores contam como é interpretar personagens que existiram de verdade*. Globo.com. Rio de Janeiro. (Matéria de jornal). Disponível em: <<http://amazonia.globo.com/Series/Amazonia/0,,AA1508657-7991,00.html> > Acesso em 12 de Fev. 2018.

FERRANTE, Miguel Jeronymo. *Seringal*. São Paulo: Globo, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua portuguesa*. 5.^a Ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA FILHO, Cosme. *A Amazônia em novas dimensões*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

FREIRE, Sílvia. *Assassino de Chico Mendes é preso em Xapuri*. Folha de S. Paulo. 4 de agosto de 2006. Página visitada em 20 de julho de 2016.

GANCHO, Cândida Vilares. Elementos da narrativa. In: _____. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GARCIA, Mariana. *Minissérie 'Amazônia' conta história do Acre em três fases*. Folha UOL. 30 de dezembro de 2006. Folha ilustrada. (Matéria de jornal). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67256.shtml> Acesso em: 21 de maio de 2018.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à temporalidade seringueira (a reserva extrativista)*. Brasília: Ibama, 2003.

GOULART, J. *O regatão*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

GRECCO, Gabriela de Lima. *História e literatura: entre narrativas literárias e históricas: uma análise através do conceito de representação*. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revista_historiador> acesso em: 22/07/2017.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. *O abrasamento sexual nos seringais amazônicos, por Alberto Rangel e Ferreira de Castro*. Revista Eletrônica de Literatura. Agosto, n.º 9, 2013 <<http://oguari.blogspot.com.br/2013/09/o-abrasamento-sexual-nos-seringais.html>> - Acesso em: 10/07/2017.

HENRIQUE, Márcio Couto. *Folclore e medicina popular na Amazônia*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, n.º 4. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcm/v16n4/08.pdf>> - Acesso em: 21/09/2018

JANOTTI, Maria de Lourdes M. *O Coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do Ciclo da Borracha: A Selva, Beiradão, O amante das Amazonas*. Manaus: EDUA, 2009.

MARTINS, Edilson. *Chico Mendes: Um povo da floresta*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MELLO, Ana Maria Lisboa de [et al.]. *Literatura e cinema, encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

MENDES, Francielle Maria Modesto e QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. *O Coronelismo “bem engomado” da Amazônia*. Revista A Palavrada, Bragança – PA, Número 2, pp.79-92. Julho-dezembro/2012.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fases da Literatura Amazonense*, Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1977.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

NAVARRO, Pedro. *O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD*. In: NAVARRO, Pedro (org). Estudos do Texto e do Discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.

NEVES, Marcos Vinícius; SOUZA, Maria Leudes da Silva (2010). *Comunidades Tradicionais da Ayahuasca*. Construindo Políticas Públicas para o Acre – Seminário. Rio Branco: Assembleia Legislativa do Estado do Acre /Fundação Garibaldi Brasil.

OLIVEIRA, Fábila. *Cássio Gabus Mendes entra nesta terça feira em ‘Amazônia’ como Chico Mendes*. O Globo. 03 de abril de 2007. Folha Cultura. (Matéria de jornal). Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/cassio-gabus-mendes-entra-nesta-terca-em-amazonia-como-chico-mendes-4204488#ixzz5CHaYVPpQ>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: A construção da personagem*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *Dramaturgia de televisão*. 2.^a Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *O mundo como texto: leituras da história e da literatura. História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 7, n.º 14, p. 33, set. 2003. <[Http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220/pdf](http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220/pdf)> acesso em: 22/07/2017.

PINTO, Renan Freitas. *Viagem das ideias*, Manaus: Editora Valer, 2006.

PLATÃO. *República*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisierien.

POTYGUARA, José. *Terra Caída*. 3.^a Ed. – São Paulo: Globo, 2007.

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger. 5.^a ed. Revista – Manaus: 2001.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1800-1920*. T. A. Queiroz (Biblioteca Básica de Ciências Sociais; série 1: Estudos Brasileiros; v. 3). São Paulo, 1980.

SCHLÖGL, Larissa. *O diálogo entre o cinema e a literatura: reflexões sobre as adaptações na história do cinema*. Guarapuava/PR: Unicentro, 2011.

SHOUMATOFF, Alex. *O Mundo em chamas: a devastação da Amazônia e a tragédia de Chico Mendes*. São Paulo: Best Seller, 1990.

SILVA, José Rubisten da. *Redes de aviamento da borracha e a organização espacial de Fortaleza do Abunã /Amazônica*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR. Porto Velho, Rondônia, 2010.

SILVEIRA, Cristiane. *Entre a história e a literatura: A identidade nacional em Lima Barreto*. História: Questões & Debates, Curitiba: Editora UFPR, n.º 44, pp. 115-146, 2006.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 3.^a Ed.. Manaus: Editora Valer, 2010.

_____. *História da Amazônia*. Manaus: Ed. Valer, 2009.

_____. *Silvino Santos – o cineasta do Ciclo da Borracha*. 2.^a Ed. Manaus: EDUA, 2007.

_____. *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

_____. *O Empate contra Chico Mendes*. 2.^a ed. São Paulo: Marco Zero, 1990.

_____. *Memória Roda Viva*. [Entrevista concedida a Rodolfo Konder] Roda Viva. São Paulo: 1990. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/457/entrevistados/marcio_souza_1990.html> Acesso em: 01/08/2018.

_____. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *O aviamento e o barracão na sociedade do seringal da Amazônia*. Manaus: Ed. Valer/EDUA, 2009.

TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*; prefácio do Senador Tião Viana. – 4.^a Ed. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

_____. *O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia*. 9.^a edição rev. – Manaus: Ed. Valer/ Edições Governo do Estado, 2000.

_____. *Amazônia: natureza, homem e tempo – 2.^a Ed. rev.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Ed. Civilização Brasileira, 1982.

VENTURA, Zuenir. *Crime e castigo: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta*/Zuenir Ventura; posfácio Marcos Sá Corrêa. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILAÇA, Marcos Vinícios. ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. *Coronel, Coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

WALT, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção*. São Paulo: Brasiliense, 1999 – Coleção primeiros passos.

WAWZYNIAK, João Valentin. 2000. *Do barracão à casa: uma etnografia das transformações nas formas de apropriação, gestão e transmissão dos recursos naturais por seringueiros do Rio Ouro Preto – RO*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná.